

Mariângela Lins de Souza

JOVENS IDENTIFICADOS

Sentido subjetivo da tatuagem na construção da identidade

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2011

Mariângela Lins de Souza

JOVENS IDENTIFICADOS

Sentido subjetivo da tatuagem na construção da identidade

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria da Graça Marchina Gonçalves.

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2011

Dedico este trabalho à minha avó Alda Campos,
com quem tive deliciosas conversas sobre Psicologia à
sombra de nossas árvores preferidas do sítio.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Graça, que pacientemente me apoiou e ajudou em muito na construção deste trabalho.

Agradeço à minha parecerista Sandra Sanchez, que além de aceitar ler meu trabalho, me apresentou a Psicologia Sócio-Histórica, momento em que me apaixonei pela Psicologia.

Agradeço aos meus irmãos, Dora, Celso, Rosinha e Cacau, que estiveram sempre ao meu lado e me ensinaram a força da família.

Agradeço ao sobrinho mais lindo do mundo, que tornou minha vida mais feliz desde o dia em que vi seu rostinho na maternidade.

Agradeço aos meus pais, Claudia e Antônio, que me ajudaram a construir o sentido de ser filha e da minha contribuição na coletividade.

Agradeço a minhas tias-avós, Dra. Altina Campos e Aldaira Campos, mulheres de muita fibra e caráter, que me ensinaram a levantar a cabeça, porém sem deixar de olhar o caminho.

Agradeço muito a Luciane Souza, Helena Rondon, Marília Pretti, Mariana Couri e Ludmila Fontana, amigas do coração, com quem aprendi o que é amizade e confiança.

Agradeço a todos os professores e colegas da PUC, com quem pude aprender e me preparar para a profissão e a vida. Agora eu também sou filha da PUC.

Resumo

Mariângela Lins de Souza: Jovens Identificados - Sentido subjetivo da tatuagem na construção da identidade. 2011. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria da Graça Marchina Gonçalves

A Psicologia Sócio-Histórica entende que o homem é um ser histórico e social, capaz de entender criticamente a realidade e transformá-la.

A partir da cultura e dos meios de produção, o homem se apropria de conteúdos sociais para subjetivar seu modo de ser. Sendo assim, a construção da subjetividade se dá tanto pelo coletivo quanto por características individuais.

Em se tratando de jovens, diferentes influências sociais atuam na formação de seu modo de pensar e agir. Por um lado uma cobrança excessiva do mundo adulto para algumas responsabilidades e, por outro, a falta de espaço para sua inserção no mundo do trabalho. Ao se tatuarem, os jovens criam meios de expressar esse modo de ser, seja pela identificação com um grupo, afastamento de modelos pré-estabelecidos ou questão estética, denotando assim uma postura diante da realidade, um sentido único para este sujeito.

Este trabalho tem em vista destacar a relação dos jovens com as tatuagens, levando-se em conta que esta se configura como forma de construção da subjetividade. A leitura do sentido subjetivo da marcação corporal pela tatuagem é o modo de entrar em contato com o modo do jovem se expressar na atualidade.

Palavras-chave: Jovens, Psicologia Sócio – Histórica, Sentido Subjetivo, Núcleos de Significação, Tatuagem

Sumário

Introdução.....	7
Consciência e Sentido Subjetivo.....	11
Adolescência e Juventude	16
Método.....	20
Análise dos Dados.....	23
Resultados.....	23
Discussão	69
Referência Bibliográfica.....	76
Anexos.....	79

Introdução

O presente trabalho busca compreender a expressão social da subjetividade dos jovens a partir da prática da tatuagem, entendida como manifestação corporal que expressa diversidade de experiências e seu registro no corpo na Modernidade. A seguir apresentamos alguns pontos importantes a serem considerados sobre a relação do homem com o corpo e, como essa corporeidade expressa um dos modos de ser dos jovens.

Segundo Montagu (1988), a pele constitui a mais íntima ligação entre o mundo interno e externo, tendo como função permear e proteger o contato entre essas duas esferas. Esta fina camada envolvente é o primeiro meio de contato do indivíduo com o mundo.

O corpo marca a passagem humana pela vida, a memória e a vivência cultural dentro de um contexto histórico. É nele que ficam escritas as identidades pessoal e cultural. Através de seu corpo, o homem pode manifestar seu modo de pensar e agir sobre o mundo.

A marcação corporal permanente é uma das formas possíveis de apreender como este homem lida com o corpo e o mundo, bem como sua escolha de manifestar aspectos de sua personalidade por um desenho ou escritura.

A escolha pelo recorte da body art como via de estudo das modificações corporais, em especial a tatuagem, gênero artístico popularmente difundido no Brasil, se deve à vasta extensão e diversidade da prática, além de ser uma das modificações corporais mais realizadas por jovens.

Segundo Frange (2004), a modificação corporal se insere no contexto de distinção, de coletivização e /ou de individuação do próprio corpo, o que denota a idéia de apropriação /desapropriação deste. Isso é, a relação de identificação com um grupo ou desidentificação com outro é expressa por inscrições corporais que aproximam ou afastam o indivíduo em sua relação com o próprio corpo.

Nesse sentido, as modificações corporais não simbolizam apenas marcas individuais da identidade, mas toda a construção sócio-cultural envolvida na vida dessa pessoa. Estas denotam como o coletivo influencia na formação da identidade e a relação do indivíduo com esta sociedade.

Segundo Ferreira (2006), ao modificar o corpo, o indivíduo não rompe apenas com a estrutura física, como também pactua com um novo modelo de corporeidade, compromisso este indelével e irreversível, à medida que as marcas dessa alteração expressam estilo de vida e identidade.

Ao longo da história, a imagem social da tatuagem passou por diversas mudanças. Há descrições que indicam que os primeiros cristãos tatuavam uma cruz em suas faces ou ombros, como representação do sagrado associado à religiosidade. Em rituais indígenas, uma das funções da marcação corporal é representar a passagem do mundo infantil para o adulto.

O significado dado à tatuagem corresponde ao contexto histórico e social no qual esta se insere, assim, tais imagens sociais descritas acima não correspondem à valorização desta prática na Modernidade, mas ajudam a compreender a imagem que hoje esta possui, num constante movimento de construção social.

Dentro da atual sociedade, a tatuagem é aos poucos melhor aceita, associada

muito mais à experiência individualizante, estetizante e prazerosa. (Almeida, 2006). Em outros momentos esta manifestação foi muito mais identificada como marginalização e contravenção, embora ainda se veja presente entre os mais conservadores esta imagem social da tatuagem como prática associada à criminalidade ou rebeldia juvenil.

Segundo Busaniche et al, (2006), os motivos pelos quais os jovens se tatuam são diversos, variando desde contestação, à identificação com um grupo, ou até mesmo como modo de incorporar símbolos que façam parte de sua vida.

Esta visão leva em conta a manifestação corporal como modo de expor objetivamente características individuais, mas tomando como partida a construção coletiva de um modo de ser jovem. O jovem utiliza o corpo para explicitar ideias, posições sobre o mundo e escolhas que vão sendo construídas em seu contato diário com o mundo.

Para Ferreira (2006), a atitude de tatuar-se confere ao jovem uma espécie de ensaio identitário, isto é, propicia que este jovem teste seu modo de se colocar no mundo, conhecendo melhor seu corpo e projetando na pele o que lhe há de mais íntimo.

A tatuagem permite ao jovem experimentar uma das formas de estar inserido no mundo adulto, legitimando sua autonomia e liberdade de escolha, tendo em vista que esta é uma prática permitida somente em maiores de 18 anos (Anexo 1).

Furtado (2002) discute a concepção de identidade como metamorfose, presente na teoria da identidade de Antonio Ciampa (1987). A esse respeito, Furtado entende que a partir da atividade humana é possível experimentar papéis sociais e, ao mesmo tempo, ter consciência de si a partir do desempenho desses papéis, constituindo a

identidade individual, que pode ser alterada ao longo da vida, a depender das relações concretas estabelecidas por este sujeito.

Dessa forma, podemos entender que a construção da identidade não é estática, e sim um movimento que pode sofrer mudanças ao longo da vida do sujeito. Em se tratando de identidade nos jovens é possível perceber essa flexibilidade de experimentação de papéis, sendo que a tatuagem é mais uma representação desse modo de se colocar no mundo.

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é compreender a manifestação do modo de se colocar no mundo e expressão da subjetividade dos jovens que tomam como ferramenta o corpo, a partir de inscrições permanentes na pele, tendo como via de acesso a esse mundo subjetivo a apreensão de sentidos subjetivos destacados a partir do discurso de alguns jovens.

Apresentaremos a seguir algumas pontuações, que serão desenvolvidas no decorrer do trabalho, sobre as referências teóricas que orientam a pesquisa, bem como a concepção de juventude no contexto da Modernidade.

Consciência e Sentido Subjetivo

A Psicologia Sócio–Histórica entende o homem como ser ativo, histórico e social. Isto é, o homem é capaz de construir coletivamente condições, material e ideologicamente, para satisfazer suas necessidades. Esta construção é determinada pelo contexto histórico no qual o sujeito se insere, a partir do qual se entende a realidade como concreta e objetiva. (Bock, 2001)

Kahhale e Rosa (2009) discutem a importância da produção de pensamento crítico na Psicologia, entendido como um conhecimento que possa responder as questões levantadas ao longo do desenvolvimento histórico humano. Assim, a Psicologia Sócio–Histórica busca analisar criticamente a realidade, a partir da perspectiva epistemológica que vê o homem como um ser social e histórico.

Segundo as autoras, a compreensão da realidade na Psicologia Sócio-Histórica fundamenta-se no materialismo dialético de Marx, onde se entende “o processo histórico humano a partir das determinações fundamentais da base material sobre a superestrutura, num processo necessariamente dialético” (p.25), isso é, o modo como a sociedade se estrutura está contraditoriamente ligado às relações de produção em um processo de constante movimento e transformação.

O homem é capaz de satisfazer suas necessidades e desejos a partir de suas relações sociais e atividades desenvolvidas, transformando assim o meio em que vive. Como um ser social, também sofre influências do meio e é transformado por este.

Através das atividades externas o homem encontra meios para a construção da atividade interna, sendo a produção humana determinada pelas relações de trabalho estabelecidas na sociedade e em sua relação com a natureza. Assim, o homem

constrói sua individualidade, permeado pelo processo de apropriação que faz do mundo (Aguiar, 2001; Bock e Gonçalves, 1996).

O processo coletivo e a comunicação desenvolvida pela espécie humana permitiram que o processo de constituição da consciência fosse possível, assim, consciência e atividade humana se constituem mutuamente (Kahhale e Rosa, 2009). Através do fazer humano é obtido o pensar, ao mesmo tempo em que ao fazer se está necessariamente pensando nesta ação.

Dessa forma, autores como Rosa (2003) e Araújo (2008) configuram a atividade social como sendo o meio pelo qual a constituição histórica do homem é assimilada, permitindo ao homem a transformação da realidade. Assim, a partir da cultura, o homem é capaz de se apropriar do que a humanidade produziu ao longo da história, adquirindo consciência de seu papel social.

Por meio da atividade social o homem expressa a diversidade de sua existência, configurada em suas relações sociais, ideologia, herança histórica e cultural e, meios de produção. Da mesma forma, este homem revela as peculiaridades de sua singularidade, em meio aos significados sociais e os sentidos subjetivos. (Aguiar e Ozella, 2006)

Tomando o homem como permeado por um meio social e constituído de especificidades que o tornam único, podemos considerar que a constituição da identidade pessoal se dá por meio da apreensão de fatos objetivos da realidade, que transformados subjetivamente dão caráter singular ao vivido coletivamente.

A partir da mediação das relações, o indivíduo converte em dimensão individual o que pode ser apreendido da produção coletiva, ocorrendo um processo de

apropriação e conversão da realidade social em elementos próprios do sujeito (Aguiar, 2001).

A linguagem exerce um papel fundamental nesse processo. De modo que, o desenvolvimento social e cultural humano pode ser transmitido por meio da linguagem ao longo da vivência humana, ao mesmo tempo em que permite que novas experiências sejam incorporadas à atividade humana. Dessa forma, a linguagem expressa e constitui a consciência. Segundo Vigotski, *“O pensamento não só é expresso pela linguagem, mas por meio dela passa a existir”*. (Vigotski, 2001)

Segundo Aguiar, Liebesny, Marchesan e Sanchez (2009), a mediação entre pensamento e linguagem é feita pelo significado, assim, o desenvolvimento da linguagem e dos significados torna possível compreender a atividade interna a partir da representação da realidade.

Para entender a origem da construção da consciência é preciso entender como o processo de linguagem é internalizado pelo sujeito, a partir da compreensão da atividade significativa.

Compreender o sujeito significa encontrar formas de apreender, a partir da linguagem, os processos que estão constituindo este sujeito. Para isso, são usadas as categorias significado e sentido, a fim de entender a complexidade que permeia o processo de construção da realidade social e subjetiva (Aguiar, Liebesny, Marchesan e Sanchez, 2009).

Os autores discutem os conceitos baseados em Vigostki (2001), onde o significado se configura como produção social, podendo ser entendido e compartilhado por todos os homens. Nesta linha de pensamento, o sentido é construído ao longo das

vivências do sujeito, sendo apreendido subjetivamente, a partir de aspectos cognitivos e emocionais.

Entendendo que o jovem apropria-se de significados sociais para compor seus sentidos pessoais, ao mesmo tempo em que o processo de consciência se dá pelas atividades desenvolvidas e as relações sociais, é possível entender o caráter dialético da produção e apropriação do conhecimento. Assim, o processo de desenvolvimento da consciência no jovem deve ser entendido individualmente e coletivamente, à medida que este possui um modo único de pensar, porém sem estar isento do pensamento social. (Ozella, 2003)

Torna-se importante destacar a relação que se estabelece entre subjetividade e objetividade, tendo em vista que estas se configuram num processo dialético, onde indivíduo e sociedade se constituem mutuamente.

Assim, o conhecimento que é internamente assimilado pelo sujeito, está implicado em uma construção social das atividades desenvolvidas e relações sociais ao qual está inserido, ao mesmo tempo em que as contribuições feitas pelo sujeito à realidade concreta estão submetidas a especificidades subjetivas desse sujeito.

A partir dessa compreensão sobre a produção de sentidos na constituição da consciência e da subjetividade, podemos focalizar como análise a relação com o corpo e o como este se expressa, por meio dos sentidos atribuídos ao próprio corpo e às experiências com ele, mais especificamente, a tatuagem.

Por meio do corpo o jovem pode expressar sua individualidade, a partir da apropriação do que é produzido socialmente, construindo internamente o sentido pessoal em torno dos significados sociais. A linguagem de que se utiliza esse jovem em

seu contato com o mundo, entre outras formas, é feito pela marca simbólica da tatuagem, que lhe permite expressão e constituição da consciência.

Através da linguagem é possível que o pensamento se torne inteligível e, ao mesmo tempo a expressão dessa consciência é o que permite sua existência enquanto movimento. Isso quer dizer que, na construção da subjetividade a expressão do pensamento possui papel fundamental, de modo que quando o jovem exprime seu jeito de ser, também incorpora o sentido pessoal de sua colocação na realidade social.

Como dito anteriormente, a tatuagem tem significados produzidos socialmente, dos quais os indivíduos se valem para representar suas próprias experiências, produzindo, nesse processo, sentidos que expressam de maneira mais ampla suas vivências e sua singularidade.

Assim, ao nos propormos a identificar os sentidos atribuídos pelos jovens à tatuagem, podemos acessar um conjunto mais amplo de significados e sentidos que falam do jovem e sua identidade.

Adolescência e Juventude

Cabe em primeiro lugar distinguir dois conceitos utilizados como sinônimos, porém que possuem suas peculiaridades e abrangências. São estes adolescência e juventude, utilizados com frequência para se referir ao grupo que se insere entre a infância e o mundo adulto.

De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), adolescência é um processo biológico, tendo como referência o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Isso é, esta fase da vida é marcada por determinações físicas e psíquicas, que denotariam um jeito de pensar e agir tipicamente adolescente.

Este processo se inicia aos 12 anos, tem seu apogeu por volta dos 15 anos, sendo aos 18 anos aproximadamente que se considera o ciclo cumprido, quando esta pessoa é considerada adulta. Durante esta fase ocorrem diversas mudanças físicas (puberdade) e comportamentais, que constituirão a personalidade do indivíduo.

A juventude é uma noção construída socialmente que se refere ao período da vida humana entre o fim da infância e o início da idade adulta. Os limites de idade variam de acordo com o contexto histórico, não devendo ser reduzidos a critérios biológicos e/ou psicológicos.

Limites de idade para definir adolescência e juventude são controversos, assim, a Organização Internacional da Juventude define entre 15 e 24 anos a fase onde comportamentos individuais e processos sociais se entrelaçam, permitindo que cada indivíduo se constitua como tal e possa assumir papel adulto na sociedade.

Autores como Ozella (2003) e Freire Filho (2008) discutem diferentes concepções de adolescência presentes na Psicologia. Um dos modelos mais estudados é o desenvolvimentista, no qual a adolescência é considerada uma fase transicional, onde o jovem precisa adquirir maturação psicológica e biológica, em um processo de desenvolvimento, para que seja considerado apto a se inserir na fase seguinte da vida.

Este e outros modelos similares concebem a adolescência de forma idealizada e normatizada, à medida que estabelecem um padrão coletivo de comportamento a ser seguido para a faixa etária. Espera-se que um jovem “normal” tenha determinados comportamentos, como “crise de identidade”, que serão abandonados quando este se tornar adulto.

São visões naturalizantes da adolescência, presentes na Psicologia do Desenvolvimento, que, além de encobrir as determinações sociais, representam um pensamento que não incentiva o protagonismo juvenil, onde o jovem se sinta inserido numa política social que crie meios para a construção de seus projetos futuros. (Bock, 2004, p.39)

Segundo Aguiar, Bock e Ozella (2003), a adolescência se refere a um período onde há extensão escolar e distanciamento do mundo do trabalho, mantendo o jovem em suspensão de suas possibilidades. Essa situação gera contradições no modo de inclusão do jovem no mundo, já que este jovem estaria apto a desenvolver uma atividade produtiva, porém não encontra abertura no mundo adulto para efetiva inserção no mundo do trabalho.

A sociedade como um todo passa por mudanças constantes, o que devido ao contexto histórico pode ser entendido como uma crise de identidade coletiva, não devendo ser entendido como algo exclusivo dos jovens. A falta de parâmetros, antes

estabelecidos rigidamente, pode ser um dos fatores de toda uma geração mais desvinculada de ideologias.

Considerando esses aspectos, a Psicologia Sócio–Histórica acredita que a adolescência se constitui como um fenômeno historicamente construído, a partir das relações sociais estabelecidas. Assim, este não é um período natural determinado biologicamente, mas sim um conjunto de fatores construídos a partir de significações sociais, que possibilitam ao jovem a construção de sua identidade. (Aguiar, Bock, Ozella, 2003, p. 168-169)

Para Martín–Barbero (2008), a construção da identidade no mundo ocidental se dá de forma bastante complexa e ambivalente, à medida que a fase de transição infância-adulto possui cada vez maiores cobranças e menos espaço de expressão. O jovem apresenta dificuldade de encontrar seu espaço, uma vez que não se vê pertencente ao mundo infantil e tampouco ao adulto.

Com o aumento das exigências e restrito espaço de expressão, o jovem se vê muitas vezes perdido e ao mesmo tempo saturado de uma sociedade que muito lhe cobra e pouco lhe oferece. Em meio a isso, surgem novas formas de contestação aos modelos estabelecidos e uma busca de pertencimento a algum grupo ou espaço.

Podemos dizer que a busca por expressar uma singularidade por meio do corpo, como é o caso da tatuagem, representaria uma forma de manifestação dessa juventude, que busca se assumir com suas peculiaridades e semelhanças em meio às cobranças e influências sociais.

A questão que fica é em que medida essa atitude, de se tatuar, estaria cumprindo esse papel, de poder expressar esse modo único de ser, ou apenas estaria

vinculando o jovem a outro tipo de padrão, exatamente colocando o jovem em contradição consigo e com a sociedade.

Essa contradição se explicita nas manifestações juvenis associadas à rebeldia ou modismo, onde este jovem busca se destacar entre os demais ao mesmo tempo em que se espera estar dentro da “normalidade” exigida pelo mundo adulto.

Assim, ao procurar conhecer os sentidos atribuídos pelo jovem ao corpo e à tatuagem, poderemos, além de colher elementos para caracterizar sua identidade, reconhecer aspectos que nos falem de como a própria experiência da juventude é percebida e vivida pelos jovens.

Método

Segundo González Rey (2005), a pesquisa qualitativa analisa o aspecto indutivo-descritivo do fenômeno estudado, a partir do desenvolvimento de modelos teóricos a respeito da informação construída. A partir dos sentidos subjetivos captados pela linguagem é possível ter acesso à produção simbólica do que foi construído social e individualmente.

A construção do conhecimento a partir da perspectiva presente nas ciências sociais defende o papel ativo do pesquisador, sendo este responsável pela construção da informação. Baseando-se em pressupostos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica, é importante situar o homem em seu caráter ativo e histórico, implicado na construção da realidade. Assim sendo, é impossível conceber o pesquisador fora do processo de construção do conhecimento.

O pesquisador nesta perspectiva está implicado no processo, devendo posicionar-se frente ao problema estudado de maneira a assumir-se como “*sujeito da pesquisa*” (González-Rey, 2005, p.119), abandonando assim o papel de coletor de dados imparcial, tradicionalmente concebido na pesquisa científica.

A Epistemologia Qualitativa defende o modelo construtivo interpretativo do conhecimento, onde a produção do saber ocorre como processo, a partir da produção humana (Araújo, 2008). Sendo assim, o pesquisador não tem como objetivo apreender a realidade, mas sim a representação dessa realidade, a partir da construção subjetiva da realidade.

A pesquisa qualitativa neste estudo se faz como meio de apreender os sentidos subjetivos que estão implicados na construção da subjetividade dos jovens, entendendo

que por meio da linguagem tem-se acesso à representação social e individual dos fenômenos vivenciados por este grupo.

A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semi-dirigidas com 3 jovens que possuem tatuagem, analisando o sentido subjetivo da tatuagem e a imagem social do fenômeno. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para devida análise. Os entrevistados foram informados sobre a confidencialidade do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3). O estudo foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sendo ratificado através do Protocolo de Pesquisa nº 001/2011.

Os sujeitos entrevistados já possuíam contatos prévios com a entrevistadora, sendo os critérios de escolha respeitados, o que não interferiu na coleta de dados além do já previsto pela pesquisa. Os critérios de escolha dos sujeitos previam que todos possuíssem idade entre 18 e 24 anos e tivessem de 1 a 4 tatuagens. Estas determinações foram tomadas a fim de garantir que a abrangência da pesquisa estivesse vinculada à discussão apresentada a respeito de juventude, além de entender que a quantidade de tatuagens também estaria implicada em um modo de se colocar no mundo.

Entre as características de perfil tomadas como relevantes, além de idade e quantidade de tatuagens, estão: escolaridade (Nível Médio ou Superior); há quanto tempo a pessoa possui tatuagem; ocupação (trabalha, estuda etc) e renda familiar.

A análise das entrevistas foi feita a partir da identificação dos núcleos de significação presentes nos discursos dos sujeitos, em vista que através da apreensão dos sentidos e processos vivenciados pelo jovem, é possível se ter acesso à subjetividade deste. Como colocam Aguiar e Ozella

“Ao se apreender o processo por meio do qual os motivos se configuram, avança-se na apropriação do processo de constituição dos sentidos, definidos como a melhor síntese do racional e do emocional. Aproximamo-nos, dessa forma, do processo gerador da atividade, ao mesmo tempo gerado por ela. Apreendemos o que é a atividade para o sujeito, e, assim, algumas zonas de sentidos da atividade, claro que atravessadas pelos significados, mas, no caso, revelando uma forma singular de vivê-las e articulá-las.” (2006: 9-10)

O discurso se insere no campo da produção de textos a partir de um fenômeno social, isto é, todo discurso é uma construção social e individual ao mesmo tempo e, só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social.

Assim, a articulação entre sentidos e significados permite que sejam analisados os processos constitutivos do sujeito, inseridos num processo dialético, onde as mediações sociais compõem papel fundante entre singularidade e universalidade.

Em vista disso, partiu-se para a análise dos dados, onde os núcleos de significação foram identificados a partir de leituras “flutuantes” das entrevistas para apropriação do discurso apresentado, emergindo deste processo os pré-indicadores, que são temas gerais relevantes à identificação dos núcleos. Dos pré-indicadores partiu-se para a aglutinação dos temas surgidos, a partir da similaridade, oposição ou complementaridade que estes constituem entre si. Os núcleos de significação surgiram a partir da articulação entre os indicadores, através de um processo interpretativo dos dados coletados empiricamente.

A Lei que regulamenta a prática de tatuagem em maiores de 18 anos (anexo 1), o roteiro de entrevista (anexo 2), bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 3), seguem anexos ao trabalho.

Análise dos Dados

Conforme foi apresentado na proposta metodológica utilizada na pesquisa, a análise das entrevistas será realizada a partir da compreensão dos núcleos de significação. Estes foram levantados a partir de leituras das entrevistas, onde foram identificados os pré-indicadores e desses, os indicadores. A partir da articulação entre os indicadores foi possível chegar aos núcleos de significação.

Para fins de organização são apresentados os resultados, onde as falas dos sujeitos são destacadas a depender da temática central, para então em seguida discorrer acerca da relação entre discurso e teoria.

Resultados

Os resultados obtidos nas entrevistas são mostrados a seguir, a partir de tabelas que apresentam a articulação entre os pré- indicadores, indicadores e núcleos de significação e, a seguir, a reprodução dos principais pontos das entrevistas, juntamente com uma elaboração dos processos intra-núcleos, possibilitando a compreensão da totalidade das entrevistas.

A seguir é apresentada a tabela 1, referente ao sujeito D.S. 22 anos, sexo feminino.

Tabela 1 - Sujeito 1:D.S. 22anos, sexo feminino

Pré – Indicadores	Indicadores	Núcleos		
1.Sensualidade	1. Tatuagem como potencializadora da beleza	1. Corpo como manifestação estética e objeto de admiração do outro		
2. Valorização do corpo				
3. Aceitação do corpo				
4. Corpo bonito				
5. Relação com próprio corpo				
6. Decepção			2. Marcas que se esconde, mas não se apaga	
7. Indelével				
8. Manchas				
9. Exibição do corpo			3. Ser aceita e admirada pelo outro	
10. Obter atenção				
11. Olhar do outro				
12. Aparência				
13. Auto – estima				
14. Modismo				4. Corresponder às expectativas
15. Influência				
16. Impecável				
17. Bem-arrumada				
18. Casamento	5. Vivências que a tornam diferente de outros jovens	2. Dicotomia entre inclusão e exclusão entre os jovens		
19. Amadurecimento				
20. Inclusão/Exclusão				
21. Categoria Jovem				
22. Fraqueza			6. Juventude massificada e homogênea	
23. Influência dos amigos				
24. Influência da mídia				
25. Educação falha				
26. Excesso de liberdade	7. Sociedade entre cobrar e dar limites	3. Pressão social para que padrões sejam mantidos em atrito com novas posturas dos jovens		
27. Cobranças sociais				
28. Questão profissional	8. Postura profissional			
29. Lidar com pessoas				
30. Exigências				
31. Credibilidade				
32. Padrões de cpto			9. Aceitação de uma condição que não pode ser mudada	
33. Preconceito				
34. Julgamento				
35. Marginalização				
36. Evitar conflitos	10. Busca de autonomia	4. Esforço pessoal como garantia de conquistas		
37. Educação				
38. Independência feminina				
39. Futuro				
40. Informação				
41. Esforço	11. Equilíbrio entre cobranças e escolhas			
42. Responsabilidades				
43. Metas				
44. Escolhas próprias	12. Preocupação da família e suas escolhas			
45. Flexibilidade				
46. Tortura				
47. Conflitos familiares				
48. Infecção piercing				

Indicadores

1. Tatuagem como potencializadora da beleza

[...] “me senti **mais bonita**, da forma que eu fiz, **me sinto mais sexy**.”

“Eu num me sinto mais sexy pros outros, é uma coisa que eu **me olho no espelho e gosto do que eu vejo**.”

[...] “tento manter assim, fazer academia, tal. **Ficar magrinha**, assim, tentar manter um **peso adequado**. Eu não posso ser muito exigente comigo, mas eu tento **manter um corpo legal**, fazer uma dieta, ir na academia. Eu acho importante, porque eu **me sinto mais bonita** assim.”

“Pra mim assim, eu quis fazer essa tatuagem porque eu achei que eu ia **ficar mais bonita**, assim. Não apareço pros outros, mas pra mim, quando eu olho no espelho falo: **ah, tô bonita, legal, tô bonita assim**.”

2. Marcas que se esconde, mas não se apaga

“Tanto que a primeira que eu fiz **num é uma coisa muito bonita**, é uma florzinha, tal, mas eu num achava tão bonita. Eu num tive tanto medo. Tanto que **pra essa parte de deixar meu corpo bonito ela não serviu muito, pelo contrário, eu até nem gosto dela**. [...] Então foi uma coisa que eu **esqueci**.”

“Então, é que a outra... em pouco tempo eu fiquei **decepcionada**. Ela ficou **apagadinha** e tal. Então sabe quando você não se importa?! Você **nem lembra** que você tem?! E nem chama atenção... eu reparei que minha tatuagem **não chama atenção**, por ser uma coisa apagadinha. Tanto que, eu vou **fazer um trabalho em cima dela, pra ela ficar mais bonita** mesmo.”

[...] “Que por sinal é **pra sempre**.”

“E tem mais um detalhe também, na verdade, que agora eu lembrei. Eu tenho uma **mancha aqui desse lado do meu pescoço e que eu nunca achei muito legal**. Eu já cheguei, eu já tive bem **complexo** assim de sair até com blusa de gola, tal. Depois de um tempo eu comecei a tratar elas, deixando elas mais clara, né, com protetor, tal, porque elas não tem jeito porque elas é **de nascença**. Então eu também quis colocar **as flores aqui do lado onde eu tenho as manchas pra... apagar elas** um pouco assim. Porque era um lado meu que achava feio também.”

3. Ser aceita e admirada pelo outro

“Isso é uma coisa **também pro meu marido**, porque eu pensei: ele vai achar legal. Não que seja uma coisa que ele tenha me pedido. Foi uma forma de **chamar a atenção dele**, assim.”

“Então, é porque é muito recente. Eu tenho vontade de **ir na praia pra mostrar**, eu tenho vontade de ir assim, e **o pessoal achar legal**. Mas eu ainda não passei por isso, não sei como vai ser **a sensação das pessoas olharem aquela tatuagem que começa no ombro e vai as costas toda...**”

“Se eu engordo um pouquinho já tento compensar depois, porque assim, isso **me incomoda bastante**, essa questão do meu corpo... sabe?!”

“Infelizmente, eu queria mudar isso, mas eu me **importo muito com o que as pessoas pensam**. Então eu fico preocupada achando... eu **sempre acho que as pessoas são melhores que eu**. Esse é um problema meu, mesmo eu reparando que a pessoa tá mais gordinha, mas eu acho que ela é mais bonita de rosto, de cabelo... ela é mais solta pra conversar. Então assim, meu corpo ele representa bastante porque se de repente amanhã eu me vê gorda, feia, tal, isso vai **me deixar mais pra baixo** ainda. Então eu tentando pelo menos manter isso, eu me sinto melhor, é **psicológico** mesmo.”

“É por isso que eu preciso ter um momento que **todo mundo preste atenção em mim**, né, assim, vamo vê o que a Dany tem pra dizer, e me dê atenção, pra mim **me senti melhor ali**.”

4. Corresponder às expectativas

“Então, pra alguns eu acredito que só mesmo... **moda**. Ah, **meu amigo fez, vou fazer também**.”

Acho que passa... acho que eu me **sinto um pouco também... na moda**, né? Porque é uma coisa assim que é legal. Que todo mundo tá... não todo mundo, mas muitos estão começando a ter. Nem que seja pequeninha, nem que seja um rabisquinho, tal. É... então eu acho que é um pouco disso. De vê as pessoas também. Você vê um trabalho bonito e queria fazer no seu corpo, mas você **vê as pessoas elas te influenciam também a fazer**.”

“Eu acho que acaba sendo um pouco isso também, **você vê as pessoas fazendo e quer fazer também.** [...] Porque se não tivesse também tantas pessoas fazendo tatuagem hoje em dia, eu acho que também **não tinha despertado tanto interesse em mim.**”

“Porque eu acho que eu sou o tipo de pessoa que **acabo me influenciando com muitas coisas.** [...] eu nunca gostei muito de tá, de todo dia tá maquiada, todo final de semana fazer a unha, mas quando você se coloca na frente de uma pessoa que tem isso, então aí você começa a se **sentir constrangida, feia, gorda, mal-arrumada.**”

[...] “mas a partir do momento que você começa de uma certa forma, a ser cobrada pela sua amiga, porque ela **tá sempre impecável, bonita, cabelo feito, unha feita...** e aí **você começa a sentir obrigada** a fazer essas coisas também. Então eu acho que ser jovens às vezes é complicado, porque a gente não consegue trabalhar essa questão da influência, **você é influenciado fácil no mundo,** assim. **É uma coisa que me incomoda.**”

5. Vivências que a tornam diferente de outros jovens

“Eu acho que eu já **não me enquadro mais nessa parte,** porque também eu **já sou casada.** [...] Então eu sinto que os jovens às vezes, eles... tão **demorando até pra amadurecer,** porque às vezes você encontra amiga sua de 22 anos, que nem eu encontrei, que tá na mesma cabecinha ali, né, só porque tem aquilo na faculdade, ah, vamo ser assim, tal.”

“As meninas têm que conversar de garotos, que inclusive, na faculdade você acaba **ficando um pouco excluída, porque sua vida é outra, né? Você já é casada, já tem outra cabeça**, de qualquer forma.”

“Quando você diz, fala até que idade? Depois de que ponto. Porque por exemplo, eu tô com 22 anos. [...]Por causa de **comportamento**... sabe, acho que já não tem nada a ver. Apesar de ter te falado que tem algumas **coisas que me influencia**, acho que essa questão sabe, de tá na faculdade e exclui uma pessoa porque ela não tá arrumada... **isso não existe mais pra mim**.”

6. Juventude massificada e homogênea

“Ah, eu acho que... na verdade **os jovens acaba fazendo tudo igual**, né? [...] enquanto tão em casa até são alguém ali, mas depois que saem dali, **encontra com os amigos e se torna único**, porque acho que, **um tem opinião e todos seguem a opinião deles**, né?! E que aí **acaba sendo uma coisa só**, né?”

“Então você vê que **os jovens é iguais**. Eles às vezes até entram com outra cabeça ali, mas **um influencia o outro**, então no outro dia eles têm que sair juntos... tem que fumar maconha juntos... tem que ir pra balada juntos...”

“Eu acho que **o que influencia muito são as suas amizades**, é o que eu tô falando, se você tivesse dentro da sua casa, se você conseguisse viver sua vida ali, aliás, se fosse só vocês. Ou você e seu marido, você e sua mãe, você e sua família, você até que consegue assim ter uma meta, seguir ela e num, né?! Só que quando você... e é uma coisa necessária você ter a sua vida social lá fora. Eu não sei, eu acho até que isso é **um pouco de fraqueza**. Eu acho até que é um pouco de fraqueza... porque você acaba sendo **induzida a isso**.”

“Acho que tem tantas **coisas no mundo que influenciam os jovens...** você olha pra TV e tem uma vida de pessoas que você nem acompanha, que nem tem na sua vida pessoal e aí acaba... eu acho que a questão do **dinheiro influencia muito os jovens**. As alternativas que acabam sendo oferecidas pra eles, que é tudo igual. **O mundo influencia os jovens**. Se pra muitas coisas eu acabo sendo influenciável, acho que eles mais ainda, porque é tudo... não é à toa que é **tanta menina doente, porque o perfil da mulher bonita é magra**. Que nem **na favela, eu acho que esses meninos vê outros mais ricos e... não é à toa que levam a roubar e fazer as coisas...** Porque você olha pra TV e é isso que você vê. Pessoas ricas... coisas que não é verdade, né, coisa que tem, tem, mas tem muita gente pobre. Então eu acho que às vezes eles acabam sendo **influenciados por isso.**”

7. Sociedade entre cobrar e dar limites

“Ah, eu acho que eles dão **muita liberdade pros jovens**, assim. Não sei, eu acho que é difícil você controla um filho hoje em dia, mas acho que é por isso, entendeu?! “Ah, mas é jovem, jovem pode. Nessa idade jovem tem que fazer o que quer. Ah, quem é que nunca fumou maconha, quem é que nunca...” né?! É, então eu acho que... é... **a educação que eles vêm dando pros jovens hoje em dia, muito falha.**”

“Então eu acho que **eles são cobrados**. São mais cobrados, porque hoje em dia também, esses que eu tô falando, **muitos já sai da faculdade e os pais já quer que eles tenham emprego no mercado**, muitos já vêm com isso na cabeça. “Tenho que trabalhar, tenho que ter uma boa profissão”. Eu acho que a sociedade, **eles exigem mais sim dos jovens.**”

8. Postura profissional

“Ah sim, eu acho que... por exemplo, eu tenho a minha mancha até o final do braço, se eu quisesse puxar a tatuagem acho que seria mais complicado, porque... por exemplo, hoje eu tô fazendo gestão de RH, né, é uma **área que exige mais de você, porque você vai ter que ter conhecimento das pessoas, vai julgar as pessoas**,né?! Então é difícil de repente você tá em algum ambiente e a pessoa te olhar... você ser julgada, né?! Acho que você tem que **manter esse lado** assim. No meu próprio serviço você não encontra **pessoas tão expostas**”

[...] “é difícil ver também, né, porque às vezes a **tatuagem não passa seriedade**. As pessoas ficam com um pé atrás, será que como essa pessoa age, tal... [...] É, por causa da tatuagem. Às vezes até mesmo por conta de um piercing, o local onde ele tá colocado, né?! Até mesmo na orelha... eu vejo lá pessoas que entrou pra trabalhar na área financeira, teve que tirar, porque tinha aqueles transversais... porque você vai **lidar com pessoas** ali.”

“Se você tá mal arrumada eles já ficam assim, se você tá com uma tatuagem, né... às vezes se é algo, pequeno não, mas se eu chego com um vestido aberto, que mostre minha tatuagem, assim, eu acho que eu **não dou tanta credibilidade. Pela sociedade mesmo.**”

9. Aceitação de uma condição que não pode ser mudada

“A questão é ter em várias partes do corpo, porque daí vão surgir aquelas pessoas que não aceitam, que te criticam, que acham que é feio. Muitos acham que a pessoa é **maloqueira**. Então você vai **sofrer esses preconceitos, então é melhor evitar**. Evitar porque você vai tá na sociedade, **você tem que trabalhar.**”

“Eu acho que tem mesmo essa questão do **preconceito**, né?! Eu acho que se eu entrar numa empresa, até mesmo na minha área, no que eu tô estudando agora, ou até mesmo pra você ser uma secretária, ou um administrador dentro da empresa, um gerente tal. **Eu acho que vai ter preconceito se eu chegar lá com a minha tatuagem exposta.** Se tiver **outras três meninas comportadinhas, com roupinhas...** e se a minha tivesse aparecendo. Eu acho que a gente sofre esse... num sei, né, **tudo a gente fala que é preconceito [...]**”.

10. Busca de autonomia

“Eu acho que a **informação...** pessoas, eu acho que **amigos é muito importante nessa parte, porque te abre a mente**, né?! Você acaba vendo, um pensa de uma forma, outro pensa de outra forma... e você vai montando o seu futuro. Tá certo que futuro você não consegue ver da forma que vai ser, mas você pode ver **o que você quer.**”

“Que a questão que eu acho que é **fundamental é a mulher trabalhar.** A mulher trabalhar, ter suas coisas, **não depender de ninguém.** Isso foi uma coisa que eu trouxe do tempo da minha mãe, porque eu via o que ela passava.”

“Hoje eu num vejo **nada que possa me impedir...** eu vejo que pode demorar... eu sei que se eu **trabalhar**, continuar da forma que eu tô indo, **continuar estudando**, com o apoio do Vinicius... eu **vou conseguir isso.**”

11. Equilíbrio entre cobranças e escolhas

“Não, eu acho que eles tão sendo **cobrados** e... a cobrança que tá sendo feita eles tão conseguindo... **tão dando conta**. Eu acho que eles tão dando conta. Independente dessa parte que eu falei, dos jovens serem muito parecidos... eles têm já uma **capacidade maior**, eu percebo que **tem metas, já trabalham...** independente de qualquer coisa, já trabalham... já pensam que... por mais que jovens hoje em dia, que casamento, que hoje você casa, mas separa, é... o índice de casamento entre jovens aumento mais, então eles já tão **tomando mais responsabilidades mais cedo**. Então acho que o que **a sociedade tá exigindo deles, eles tão conseguindo realmente arcar com isso.**”

“Então, primeiro eu **penso muito no que vai me fazer bem**. Independente de eu querer agradar uma pessoa, eu penso se vai ser **bom pra mim**. Então eu **agrego**, eu queria, mas a pessoa também acha legal.”

“Eu sempre fiz as **minhas escolhas** até mesmo acompanhando a minha vida. Minha mãe, meu pai, né, então desde criança eu acompanhei e sabia que **não queria ser como minha mãe**, porque apesar de eu ter muito orgulho dela. Poxa, ela parou de trabalhar achando que o marido tinha que sustentar, e o marido também pediu pra ela parar, porque tinha que cuidar dos filhos. Então foram **escolhas que eu fui tomando...** foram medidas que eu fui tomando desde criança.”

“Eu num sofro muitas influências do tipo: ah, então vamos comprar um carro assim. Pelo contrário, às vezes eu acho até que eu **determino um pouco as coisas**, né, eu quero dessa forma, vai ser assim, tal. Então eu acho que o que mais influi na minha vida essa parte estética. Que eu acho que me atrapalha um pouco.

Mas em outras coisas eu **tento conversar**, chegar em um... eu tenho a cabeça aberta assim, **olhar a melhor forma**. Mas que eu teja influenciada ou deixe um objetivo meu, posso até atrasar, olha deixar lá pra frente, mas não que a pessoa vai “ah, você não vai fazer mais” e eu “então já que você acha melhor eu num vô fazer”...”.

12. Preocupação da família e suas escolhas

“Então, as poucas pessoas que viram, por exemplo minha tia, achou muito bonita, mas não faria, porque é **muita dor**. O Vinicius mesmo, a hora que eu fui fazer **a gente brigou, ele num quis**... não queria deixar. Porque também **achava desnecessário**, mas eu num tive com outras pessoas, alguém que desse mesmo a opinião. [...]Eu acho que **a tortura**, né?! [...] Pela dor.”

“Então eu acho assim que vai ter pessoas que vai gostar da tatuagem, o Vinicius ele diz que, que é o meu marido, ele acha que isso **não tem necessidade, agredir o corpo, sentir dor, né, não tem um porquê**. Então eu acho que ele é o tipo de pessoa que **não concorda muito**.”

“Aí meu **piercing inflamou**, daí o Vinicius falou “num acho legal, tal, você ficar com isso”, porque daí já queriam pressionar ele, né, porque ele viu que **eu tava sofrendo**, daí falou “não, **não vale a pena você ficar assim**”. Aí eu tirei o piercing.”

Articulação dos Indicadores para a formação dos Núcleos de Significação

Sujeito 1: D.S.

O primeiro núcleo de significação surgido na análise da entrevista é o corpo em sua manifestação estética, isto é, a corporeidade adquire relevância em relação ao que é percebido pelo outro. Esta manifestação pode ser vista em diferentes falas de D.S., onde está contido o corpo e o olhar do outro.

O corpo admirável é aquele que possui todos os atributos socialmente considerados belos, como corpo magro, cabelos arrumados e roupa impecável. Esta preocupação é notável na fala de D.S.:

“Porque eu acho que eu sou o tipo de pessoa que **acabo me influenciando com muitas coisas**. [...] eu nunca gostei muito de tá, de todo dia tá maquiada, todo final de semana fazer a unha, mas quando você se coloca na frente de uma pessoa que tem isso, então aí você começa a se **sentir constrangida, feia, gorda, mal-arrumada.**”

À medida que é percebido que o socialmente belo não pertence ao seu corpo, por se referir a padrões de beleza, que em sua maioria não podem ser atingidos, esta não correspondência às expectativas sociais acaba por gerar sentimentos de inferioridade. Como pode ser visto na seguinte fala:

“Infelizmente, eu queria mudar isso, mas eu me **importo muito com o que as pessoas pensam**. Então eu fico preocupada achando... eu **sempre acho que as pessoas tão melhores que eu**. Esse é um problema meu, mesmo eu reparando que a pessoa tá mais gordinha, mas eu acho que ela é mais bonita de rosto, de

cabelo... ela é mais solta pra conversar. Então assim, meu corpo ele representa bastante porque se de repente amanhã eu me vê gorda, feia, tal, isso vai **me deixar mais pra baixo** ainda. Então eu tentando pelo menos manter isso, eu me sinto melhor, é **psicológico** mesmo.”

Em meio a esta busca pela valorização do corpo, a tatuagem é identificada como uma das fontes para se fazer notável ao olhar do outro e ao próprio olhar, trazendo para quem a possui um status de figura a ser admirada. Assim, a tatuagem garante uma auto-imagem mais confiante, à medida que esta se sente mais bonita e aceita socialmente.

O caráter estético conferido à tatuagem também é convocado quando a marca a ser feita tem intuito de apagar ou tornar invisível uma característica desagradável, tornando assim o corpo menos imperfeito. D.S. relata seu incômodo com marcas de nascença em seu corpo e como a tatuagem lhe permite esconder tais manchas, em:

“E tem mais um detalhe também, na verdade, que agora eu lembrei. Eu tenho uma **mancha aqui desse lado do meu pescoço e que eu nunca achei muito legal**. Eu já cheguei, eu já tive bem **complexo** assim de sair até com blusa de gola, tal. Depois de um tempo eu comecei a tratar elas, deixando elas mais clara, né, com protetor, tal, porque elas não tem jeito porque elas é **de nascença**. Então eu também quis colocar **as flores aqui do lado onde eu tenho as manchas pra... apagar elas** um pouco assim. Porque era um lado meu que achava feio também.”

Ao mesmo tempo em que a tatuagem permite esta nova caracterização positiva com uma parte do corpo que antes desagradava, cria-se uma relação negativa com uma tatuagem que não venha a serviço de embelezar o corpo, como é o caso de desenhos mal-sucedidos, tornando-se uma marca esquecida ou sobre -

posta por algo mais atrativo.

Assim, parece haver um modo de se relacionar com o corpo onde o que desagrada pode ser apagado ou remodelado, conferindo ao corpo possibilidades de modificar sua aparência e, por conseguinte alterar a relação da pessoa consigo mesma.

O segundo ponto a ser analisado a partir da entrevista denota um conflito entre pertencer ou não à categoria juventude, isto é, se enquadrar nos moldes considerados comum aos jovens ou se ver como excluída por conta de suas vivências diferenciadas.

Sua narrativa parte de uma posição de alguém que vivencia o casamento, conferindo-lhe, em sua perspectiva, maturidade emocional e distanciamento de comportamentos que considera natural aos jovens, como o uso de drogas e paqueração.

Ao se referir aos jovens D.S. não se inclui, apresentando um discurso bastante desmotivado quanto ao comportamento “singular” dos jovens, como é visto em:

“Ah, eu acho que... na verdade **os jovens acaba fazendo tudo igual**, né? [...] enquanto tão em casa até são alguém ali, mas depois que saem dali, **encontra com os amigos e se torna único**, porque acho que, **um tem opinião e todos seguem a opinião deles**, né?! E que aí **acaba sendo uma coisa só**, né?”

Assim, a partir de sua fala nota-se uma crítica quanto à reprodução

massificada de comportamentos entre os jovens, legitimada pela influência de uns sobre os outros. Ao mesmo tempo, esta admite também sentir-se influenciada em suas escolhas, o que muitas vezes a incomoda.

Quanto à relação entre as cobranças sociais e a postura dos jovens diante dessas demandas, é possível articular as ideias presentes no discurso partindo-se da exemplificação de sua fala:

“Então eu acho que **eles são cobrados**. São mais cobrados, porque hoje em dia também, esses que eu tô falando, **muitos já sai da faculdade e os pais já quer que eles tenham emprego no mercado**, muitos já vêm com isso na cabeça. “Tenho que trabalhar, tenho que ter uma boa profissão”. Eu acho que a sociedade, **eles exigem mais sim dos jovens.**”

Os jovens são cobrados para assumirem responsabilidades e já apresentam preocupação com a inserção no mercado de trabalho, porém, como é colocado por D.S., a sociedade cobra e ao mesmo tempo é permissiva. Esta entende que é dada muita liberdade aos jovens, sendo que no ambiente profissional poderá se tornar um obstáculo a postura de não seriedade.

A esse respeito o sujeito coloca como essencial que se tenha uma postura profissional, no que consiste à exposição excessiva do corpo e manutenção de uma imagem bem-arrumada, assim, em alguns casos a tatuagem pode se tornar motivo de julgamento ou falta de credibilidade. Como ilustrativo, segue-se um trecho da fala de D.S.:

“Ah sim, eu acho que... por exemplo, eu tenho a minha mancha até o final do braço, se eu quisesse puxar a tatuagem acho que seria mais complicado, porque...

por exemplo, hoje eu tô fazendo gestão de RH, né, é uma **área que exige mais de você, porque você vai ter que ter conhecimento das pessoas, vai julgar as pessoas**,né?! Então é difícil de repente você tá em algum ambiente e a pessoa te olhar... você ser julgada, né?! Acho que você tem que **manter esse lado** assim. No meu próprio serviço você não encontra **pessoas tão expostas**. [...] é difícil ver também, né, porque às vezes a **tatuagem não passa seriedade**.”

Percebe-se aqui, ao mesmo tempo uma aceitação das regras sociais sem que sejam questionadas, não havendo uma reflexão quanto à questão do preconceito frente à tatuagem. Parece perpetuar um pacto social, onde se mostra apenas o que pode ser visto e a individualidade encontra pequenas brechas para se expressar.

D.S. coloca a busca de autonomia como uma das prioridades de sua vida, entendendo que esta conquista está bastante vinculada às escolhas que observou sua mãe fazendo, dando-lhe motivação para transpor as dificuldades e limitações testemunhadas, para assim atingir suas metas. Tal fala se explicita em:

“Que a questão que eu acho que é **fundamental é a mulher trabalhar**. A mulher trabalhar, ter suas coisas, **não depender de ninguém**. Isso foi uma coisa que eu trouxe do tempo da minha mãe, porque eu via o que ela passava.”

O fato de vir de uma família onde os estudos eram considerados garantia de um emprego melhor, se ver cursando uma faculdade e pensando em seu futuro, lhe traz a potência de que através de seu esforço e apoio do marido, poderá conquistar o que deseja.

Em sua fala, D.S. demonstra estar submetida às influências de amigos e

familiares, como forma de legitimar suas escolhas, ao mesmo tempo em que leva em conta seu bem estar, o que possibilita um equilíbrio entre o que deseja e o que é esperado de si.

“Então, primeiro eu **penso muito no que vai me fazer bem**. Independente de eu querer agradar uma pessoa, eu penso se vai ser **bom pra mim**. Então eu **agrego**, eu queria, mas a pessoa também acha legal.”

Em suma, D.S. traz a ideia de que a juventude se vê em meio a diversas demandas sociais e pessoais, sofrendo influências e cobranças que implicam em sua relação com suas escolhas. A tatuagem é uma dessas escolhas, que permite uma valorização do corpo, ao mesmo tempo em que uma exposição indevida dessa marca pode incitar situações desconfortáveis e olhares repressores.

A seguir é a apresentada a tabela 2, referente ao sujeito A.R. 24 anos, sexo feminino.

Tabela 2 - Sujeito 2: A.R. 24 anos, sexo feminino

Pré – Indicadores	Indicadores	Núcleos
1. Jeito Corporal	1. Corpo como transmissor de ideias	1. Corpo usado para transmitir ideias e instigar o outro
2. Corpo mostra o que pensa		
3. Transmitir ideia		
4. Símbolo		
5. Bem – estar	2. Corpo saudável como sinônimo de felicidade	
6. Aceitação do corpo		
7. À vontade com o pp corpo		
8. Limitações do corpo		
9. Admiração	3. Obter atenção do outro pela novidade	
10. Curiosidade das pessoas		
11. Pioneirismo		
12. Bizarreza	4. Contexto no qual está inserido	2. Comportamento juvenil associado à rebeldia
13. Sentido cultural		
14. Modificação corporal	5. Comportamento contrário às regras	
15. Chocar as pessoas		
16. Transgressão	6. Cobranças sociais em choque com comportamentos juvenis	
17. Rebeldia		
18. Falta de obrigação		
19. Imaturidade		
20. Responsabilidade		
21. Egoísmo		
22. Amadurecimento	7. Reflexão antes de uma escolha permanente	3. Escolhas feitas a partir da demanda social
23. Expectativas sociais		
24. Educação		
25. Uso de drogas		
26. Amadurecer ideia		
27. Planejamento		
28. Indelével		
29. Local escondido		
30. Mercado de trabalho		
31. Preconceito		
32. Marginalização		
33. Capitalismo	9. Posição social na determinação do papel social	
34. Papel na sociedade		
35. Modismo		
36. Influência dos amigos		
37. Futuro	10. Família e religião como base para escolhas	4. Influências importantes na determinação de uma escolha
38. Apoio dos pais		
39. Religião	11. Preocupação da família com o sofrimento e com a biosegurança	
40. Mutilação		
41. Saúde		
42. Técnica invasiva		
43. Conflito mãe		
44. Tatuador de confiança		

Indicadores

1. Corpo como transmissor de ideias

“Demonstrando através de gestos, do **jeito corporal**. Então acho que **o que a gente pensa acaba mostrando no corpo**, de algum jeito.”

“Como pode ser forma de **transmitir uma ideia pelo corpo**. Não necessariamente tendo significado. A pessoa faz por fazer... Piercing é bonitinho, é **moda...** e falo do meu também. Fiz porque fica bonito, é uma coisa a mais, fica bonitinho. O piercing não tem um significado. Já **minhas tatoos tem significado.**”

“A primeira foi uma **borboleta**, porque pra mim **representa a liberdade**. A segunda, fiz **dados**, minha ideia inicial era que as faces estivessem viradas no 6 e 1, e no 4 e 5. Porque dizem que nos jogos representam **sorte**. **Representa a vida, probabilidade uma coisa dar certo ou errado.**”

2. Corpo saudável como sinônimo de felicidade

“Acho que é importante se está **se sentindo bem, feliz, à vontade com corpo**. Pra mim não importa se tá gordo, magro... não reparo nisso, mas se está **se sentindo bem com ela mesma.**”

“**Me sentir bem comigo mesma**, com uma roupa que me deixa à vontade.”

“Ah, é importante tá **tudo certinho...** que **não esteja faltando nada**, mesmo que engorde, depois emagrece. Se emagrece depois engorda, cabelo cai, coloca peruca. Mas desde que **não esteja faltando dois braços, duas pernas...** rs.”

3. Obter atenção do outro pela novidade

“Porque assim, fiz a tatoo um pouco antes de entrar na facul e lá fui vendo que **chamava atenção**. [...] **É agradável as pessoas elogiando, curiosas...** é tipo hoje assim, **olha o que eu tenho e você ainda não tem**, tenho um Ipod... na época que ninguém tinha tatoo na minha faculdade. Depois a galera começou a fazer também.”

4. Contexto no qual está inserido

“Piercing e tatoo acho legal, bonito. Mas tem outras coisas que ouvi falar que acho um **horror**. Alargador acho horrível, forma **muito grande de mutilar corpo..** não que tatuagem e piercing não sejam, mas é menos. Em outras culturas também acho **bizarro**, mas tem sentido na cultura deles.”

“Essas coisas, que nem a pessoa ficar pendurada, em suspensão.[...] **É, suspensão...** tem essas apresentações. Eu ficaria **chocada** de ver. Aii, credo!”

5. Comportamento contrário às regras

“Mas, por exemplo, da mesma forma que fiz minha tatoo como **rebeldia...**

não como rebeldia, mas porque sabia que era uma coisa que ia **chocar as pessoas**. Meio que pra **transgredir as regras**, não sei, algo assim, sabe.”

“Acho que a primeira ideia... pode ser forma de **transgressão**, não sei... não bem uma transgressão, mas por ser **diferente, novidade**. Não sei se queria transgredir regras... não transgredir... **chocar as pessoas**... Talvez fosse isso.”

6. Cobranças sociais em detrimento com comportamentos juvenis

“Hum...deixa eu ver...eu acho que a **rebeldia**. Tipo, eu acho que **o jovem não tem muita obrigação... Não tem muita maturidade, nem muita responsabilidade** com as coisas... mas eu acho que é um **perfil dos jovens** mesmo.”

“Eu acho que ter mais responsabilidades. [...] Eu acho que não é muito esperado... eu acredito que justamente, **os pais e a sociedade esperam muito dos jovens, mas não exigem a responsabilidade que deveriam**. Ah... eu acho que em relação aos **estudos**, em relação ao uso de **drogas**, em relação as responsabilidades dentro de casa... na sociedade.”

[...] “Ah, é legal... porque **não tem responsabilidade**. Rs **Você tem tudo o que seus pais dão**. Tem dinheiro, comida...”

[...] “Mais ou menos como **a sociedade cobra e deixa à vontade**.”

“Acho que **os jovens pensam muito neles**, são **egoístas...** [...] **Rebeldes...** como eu vejo, **imaturos**. Eu sei que cada um tem seu **tempo de amadurecer...** tem suas experiências, mas acho que os jovens só pensam neles mesmos.”

“Não, acho que isso são os jovens em geral... não que eu num seja às vezes meio **mimada**, mas acho que faz **parte do amadurecer**. A gente pensa na gente, depois de um tempo vai percebendo que tem o mundo...”

7. Reflexão antes de uma escolha permanente

[...] “antes da primeira **pensei muito bem**, por uns 2 anos. Pra **amadurecer a ideia**. Queria muito fazer uma tatoo, mas pensei muito antes de fazer.”

“Quando fui fazer realmente, escolhi borboleta. Não fui tipo: “quero muito fazer uma borboleta”. **Pensei um pouco antes e fiz.**”

“Na segunda, pensei no dado poucos meses antes. **Não foi algo que planeje muito antes**. Penso, quero fazer uma tatuagem, daí vejo o desenho, se gosto, eu faço.”

“É. Daqui um tempo posso **mudar de ideia** e fazer outro desenho. Hoje quero a rosa, mas vai saber se amanhã chego lá pra fazer e mudo de ideia...”

“Tatoo faz parte das escolhas, sim, por isso digo de **pensar muito bem antes de fazer...** Pra tirar ou fazer outra por cima é bem trabalhoso. E penso assim, você não vai tirar depois. Tipo vai fazer não vai tirar. É **pra sempre.**”

8. Equilíbrio entre escolhas e imagem social

“Então, quis fazer em **lugares escondidos... não tem necessidade de mostrar**. Prefiro algo que só dê pra ver de vez em quando pelas pessoas.”

“Ah, eu fiz quando era mais jovem e não sabia se ia, e ainda vai poder **atrapalhar pra trabalhar**. Antigamente tinha **muito preconceito** com tatuagem. **Tem lugar que não aceita**, ainda hoje tem, mas menos que antigamente. A minha ideia era fazer num **lugar escondido por isso**.”

“Outros tem preconceito, acham que é coisa de malandro, presidiário, marginal... mas isso não tem nada a ver.”

9. Posição social na determinação do papel social

“Bom, mas eu acho que isso é um **pensamento meio burguês** meu, porque é onde estou inserida... **classe média**. Eu não acho que **um jovem que passa por outras situações não estaria falando isso que eu estou**.”

“Acredito que outras **pessoas que tem responsabilidades** que eu não tenho, estariam falando outras coisas. Porque eu acho que ele veria de outra forma o seu **papel na sociedade**. Acho que ele falaria que ele tem **muitas responsabilidades**.”

“Não sei... deixa eu pensar... **moda, o que tá na moda. O que os amigos querem, pensam também influencia.** Namorado, namorada... no caso meninas, principalmente para os meninos.”

10. Família e religião como base para escolhas

“Nos **pais, como uma base.** Digamos que... **suporte. Pra onde você vai correr quando der tudo certo ou errado.**”

“Vai depender do que quer pro seu **futuro...** poderia ser... depende da área que você escolhe... se for uma área que ganha muito dinheiro, tipo engenharia... mas também tem artista, que pinta quadros e que ganha muito dinheiro. É, não sei... pensar no **sentido do que você quer pro futuro.**”

“Principal são os pais... eu acho, pelo menos. Se uma **pessoa é ligada à religião, falaria Deus primeiro, depois meus pais. Pra mim são os pais.**”

“Meus **pais sempre me apoiaram...** quer dizer, em alguns casos não, como com namorados, tipo, quando não tava me fazendo bem. Mas tiveram ação pra dizer que não tava certo. Sempre o que quis fazer eles apoiaram.”

“Sim, tiveram, porque eles me **apóiam em tudo que faço.** Mas as **tatuagens fiz escondida, porque achei que iam brigar comigo...** não brigar, mas... [...]”

11. Preocupação da família com o sofrimento e com a biosegurança

[...] “Lembrei, quando eu disse que ia fazer, minha mãe disse: “Vou te levar... conheço uma **pessoa que faz, que é de confiança**. Vou te levar lá”. Mas até ela me levar... não quis esperar.”

“Daí **fui escondida, porque ela ia ficar brava**, não brava... é o jeito da minha mãe. Se fosse comigo ia dizer: “faz assim, que assim fica ótimo pra você”. Tipo, amarelo fica muito bom em você... e eu nem gosto de amarelo, sabe? **Ela queria que fizesse em tal lugar e eu fui em outro.**”

“Então, quando eu fiz a primeira fiquei com **muita febre**... daí cheguei em casa e ela disse pra eu trocar a camiseta porque tava pingando de suor. Daí virei: “então, preciso te contar uma coisa...” “.

“Ah, é como se **mutilasse**, acham **muito invasivo**. É como cortar o dedo, ficam com **agonia de ver o machucado**. Mas depois entendem.”

Articulação dos Indicadores para a formação dos Núcleos de Significação

Sujeito 2: A.R.

O primeiro núcleo de significação a ser discutido se refere ao corpo como transmissor de ideias, isso é, A.R. confere ao corpo uma posição de expor ao mundo a maneira como a pessoa pensa. Fragmentos da entrevista demonstram essa visão:

“Demonstrando através de gestos, do **jeito corporal**. Então acho que **o que a gente pensa acaba mostrando no corpo**, de algum jeito.”

Ao mesmo tempo, há a preocupação de que este corpo esteja dotado de todas suas potencialidades, conferindo a quem lhe pertence um aspecto de bem - estar e saúde, trazendo uma visão de corporeidade associada à funcionalidade.

Colado a isso, o corpo em relação às suas potências, surge a preocupação de estar bem consigo mesmo e poder transmitir isso ao outro, produzindo curiosidade e admiração deste.

Neste ponto a tatuagem entra como mediadora dessas ideias transmitidas e também cativa a atenção do outro, seja por conter algo que outras pessoas não têm, seja pela beleza do desenho. Como pode ser visto na fala de A.R.:

“Porque assim, fiz a tatioo um pouco antes de entrar na facul e lá fui vendo que **chamava atenção**. [...] **É agradável as pessoas elogiando, curiosas...** é tipo hoje assim, **olha o que eu tenho e você ainda não tem**, tenho um Ipod... na época que ninguém tinha tatioo na minha faculdade. Depois a galera começou a fazer

também.”

O segundo núcleo presente no discurso desse sujeito é a visão de A.R. em relação à juventude, onde esta é configurada como rebeldia e falta de obrigações, entendidos como próprio dos jovens. A seguir, recortes das entrevistas demonstram tal ponto:

“Hum...deixa eu ver...eu acho que a **rebeldia**. Tipo, eu acho que **o jovem não tem muita obrigação... Não tem muita maturidade, nem muita responsabilidade** com as coisas... mas eu acho que é um **perfil dos jovens** mesmo.”

“Acho que **os jovens pensam muito neles**, são **egoístas... [...] Rebeldes...** como eu vejo, **imaturos**. Eu sei que cada um tem seu **tempo de amadurecer...** tem suas experiências, mas acho que os jovens só pensam neles mesmos.”

Por estes fragmentos também é possível notar o distanciamento de A.R. com a categoria jovem, apresentando um discurso em terceira pessoa, onde aspectos como rebeldia e imaturidade não lhe são próprios.

Ao mesmo tempo, há um questionamento quanto ao pensamento de jovens de diferentes classes sociais, onde A.R. coloca-se inserida na classe média, na qual, em sua perspectiva, o jovem não precisa ter responsabilidades por receber condições materiais dos pais para se estabelecer.

Esta entende também a necessidade de contextualizar as diferentes manifestações dos jovens, como é o caso das modificações corporais, que possuem

caracterizações específicas em cada contexto no qual está inserido. Isto é, apesar de sentir-se incomodada com práticas como o uso de alargadores, acredita que isso possui sentido para quem os faz. Como pode ser explicitado em:

“Piercing e tatoo acho legal, bonito. Mas tem outras coisas que ouvi falar que acho um **horror**. Alargador acho horrível, forma **muito grande de mutilar corpo**.. não que tatuagem e piercing não sejam, mas é menos. Em outras culturas também acho **bizarro**, mas tem sentido na cultura deles.”

Relacionado às escolhas e cobranças sociais, A.R. trouxe aspectos atinentes à tatuagem e exigências sociais. Ressaltando uma preocupação de ter escolhido um local do corpo para realizar a tatuagem que não lhe atrapalhasse para trabalhar.

Junto a isso, esta considera a transgressão a regras um dos motivos pelos quais se faz uma tatuagem, denotando um conflito entre manter os padrões socialmente aceitos e se manifestar contra as normas a partir do seu corpo.

Outra possibilidade que A.R. traz como motivação para se tatuar são o modismo e a influência dos amigos, o que também mostra referência em estar de acordo com as expectativas sociais.

Este jogo entre agradar e desagradar, seguir as regras ou transgredir, acaba por manter o jovem numa constante indecisão diante do que este quer e o que lhe é cobrado. Assim, a fala de A.R. exemplifica este movimento social existente:

[...] “Mais ou menos como **a sociedade cobra e deixa à vontade**.”

O último núcleo de significação a ser discutido refere-se à relação do jovem com as influências às quais se vê submetido quanto às suas escolhas, que segundo o sujeito se baseiam principalmente na família e na religião.

Os pais são apontados por A.R. como a base de sustentação, o norte que lhe permite se orientar quando precisa, assim como considera que para outros jovens a religiosidade possa também ter papel importante. Como é visto em:

“Principal são os pais... eu acho, pelo menos. Se uma pessoa é ligada à religião, falaria Deus primeiro, depois meus pais. Pra mim são os pais.”

Essa relação familiar também apresenta papel importante no que se refere à tatuagem, porém de maneira conflituosa, à medida que sente o apoio dos pais em suas escolhas, mas não sente confiança em bancar para os pais tais escolhas. Isso é notável em seu medo de contar à mãe sobre a tatuagem:

“Daí fui escondida, porque ela ia ficar brava, não brava... é o jeito da minha mãe. Se fosse comigo ia dizer: “faz assim, que assim fica ótimo pra você”. Tipo, amarelo fica muito bom em você... e eu nem gosto de amarelo, sabe? Ela queria que fizesse em tal lugar e eu fui em outro.”

Esta atitude de tatuar-se escondido também traz a ideia de transgredir as regras familiares, uma maneira de se opor ao que foi imposto, mas que de alguma forma se manifesta de maneira contida, é um “testar” quebrar as regras, à medida que não é uma prática de total oposição.

O apoio familiar também se configura como uma proteção, de modo que a fala de A.R. traz essa preocupação da família com aspectos relativos à segurança da prática. Como é visto em:

“Ah, é como se **mutilasse**, acham **muito invasivo**. É como cortar o dedo, ficam com **agonia de ver o machucado**. Mas depois entendem.”

Resumindo, o jovem utiliza seu corpo para transmitir ideias e tornar-se admirável ao outro. Assim a busca pela tatuagem pode ser entendida como uma manifestação de rebeldia, transgressão de regras ou modismo. O conflito entre as cobranças sociais e a falta de responsabilidade dos jovens cria uma situação onde o jovem não sabe o que a sociedade espera dele, que se manifesta testando as regras e as conseqüências de seus atos.

A Tabela 3, alusiva ao Sujeito E.F. 24 anos, sexo masculino, é mostrada a seguir.

Tabela 3 – Sujeito 3: E.F. 24 anos, sexo masculino

Pré – Indicadores	Indicadores	Núcleos
1. Narcisismo	1. Sentir-se bem com o corpo admirável	1. Corpo como manifestação estética e objeto de atenção do outro
2. Aparência		
3. Estética		
4. Bem – estar		
5. Atitudes	2. Obter atenção do outro pela coragem de se mostrar	
6. Desenho polêmico		
7. Olhar das pessoas		
8. Chamar atenção		
9. Momento marcante	3. Desejo concretizado	2. Tatuagem como símbolo que corpo carrega para sempre
10. Expectativa		
11. Vontade		
12. Planejamento		
13. Indelével	4. Decisão sem arrependimento	
14. Desenho no corpo		
15. Símbolo		
16. Modo de ser		
17. Assumir posição	5. Desenho carrega modo de ser	
18. Libertação		
19. Opinião das pessoas		
20. Local escondido		
21. Impacto	6. Poucos têm acesso a este modo de ser	3. Jogo de mostrar e esconder, criando coragem para assumir
22. Tatuagem perigosa		
23. Preconceito		
24. Marginalização		
25. Relação com a lei	7. Tatuagem denotando uma escolha mal-vista socialmente	
26. Medo de agulha		
27. Dor		
28. Modificação Corporal		
29. Experiências	8. Coragem para arcar escolhas	
30. Convívio com jovens		
31. Influências		
32. Juventude revoltada		
33. Fase da vida	9. Vivências aproximam e afastam os jovens	4. Juventude em suas mais diversas manifestações, como importante
34. Futuro da nação		
35. Responsabilidade		
36. Esperança		
37. Carreira	10. Pouco crédito dado aos jovens	
38. Família conservadora		
39. Cobranças sociais		
40. Expectativas sociais		
41. Papel social	11. Juventude como esperança	
42. Escolhas		
43. Felicidade		
44. Futuro		
45. Planos	12. Atrito entre o que é esperado e as escolhas	5. Papel das influências e cobranças sociais no futuro do jovem
46. Obstáculos		
	13. Querer é poder	

Indicadores

1. Sentir-se bem com o corpo admirável

“Na minha aparência?! Ah, não sei. Eu **não ligo muito pra minha aparência**, assim, eu **ando do jeito que eu me sinto bem** e é isso.”

“Ahh, eu acho que é **estética**. Eu acho que as pessoas **fazem muito pelo estético** e pelo prazer das agulhadas, tem muita gente que gosta disso.”

“Pros outros também, mas pra própria pessoa também. Eu acho **meu desenho muito bonito, eu gosto muito dele.**”

“Representa, um pouco. Um pouco da **questão estética**, a gente é... todos nós somos... **narcisistas. Gostamos de nos mostrar.** [...]”

2. Obter atenção do outro pela coragem de se mostrar

“**Chama**. Mas como eu uso sempre calça, as pessoas não vêem muito, só...só **ocasionalmente que elas vêem.**”

“Foi, foi mais o fato do desenho em si, não o fato da tatuagem. Mas dependendo da tatuagem e dependendo de onde é a tatuagem, **chama mais atenção sim**. Sendo bem sincero. **A minha não chama muita atenção.**”

“O que chamou mais atenção das pessoas foi mais pelo desenho em si.”

“Ao meu respeito? Num sei, num sei dizer não... eu acho que **eu num sou uma pessoa mais de falar, eu deixo mais que as pessoas vejam**. Eu só falo de mim quando perguntam. Rrs”

3. Desejo concretizado

[...] **“Ah, eu gosto muito dela, foi minha primeira tatuagem, foi muito marcante.”**

[...] **“Expectativa eu tive bastante**, mas em questão de medo... não teve não”

“Eu já tinha. Já tinha vontade de fazer a tatuagem, sempre tive, desde pequeno. **Sempre tive vontade de fazer alguma tatuagem**. E eu fiz. **Finalmente criei coragem e fiz.**”

4. Decisão sem arrependimento

“Então o desenho, o **desenho foi mais ou menos criado na hora ali**. Eu pensei, assim, vou fazer isso, pronto. Aí eu fiz. Porque inicialmente o desenho que eu ia fazer ia ser, eu ia tatuar a morte na costela. Só que eu fiquei enrolando demais com isso e ficou, e ficou, e ficou e aí do nada veio a ideia de tatuar a folha da maconha. **Fui e tatuei... e gostei.**”

[...] “só mudou que, é **uma coisa que eu vou carregar pra sempre**. E... eu **num me arrependo não**.”

5. Desenho carrega modo de ser

“Não, da minha visão não mudou muita coisa não, só mudou que eu **tenho um desenho em mim**.” [...]

“A **folha da maconha**. [...] Ah, eu sou uma pessoa que eu **gosto muito de maconha**. Então eu num... eu **num tenho nenhum problema com isso, de assumir pra certas pessoas**, a grande maioria das pessoas e... [...] **tem a ver com a minha vida**.”

“Não, minha vida não mudou nada, assim. Só mudou só... por causa do desenho, assim, **como se eu mostrasse mais assim quem eu sou**. [...] Sim, **um jeito de ser meu**.”

“Não, não pra chocar... é mais **pra me libertar** mesmo.”

“Foi isso, basicamente uma coisa **bem simbólica**, assim, pra mostrar... **mostrar pra sociedade... eu fumo maconha!**”

6. Poucos têm acesso a este modo de ser

“Oh, eu vou falar que... foi divertido, assim, a **reação das pessoas**. Porque muitas pessoas **acharam muito legal, outras ficaram meio... esquivas**. É... **cada um com uma opinião diferente sobre a tatuagem, por causa do desenho em si**.”

[...] “por causa dessa de **não ficar mostrando pra todo mundo**. Porque não é **pra todo mundo** que eu quero... que eu quero que veja a minha tatuagem. **É só pra certas pessoas**.”

“Ah, não... eu num ligo não, não esquento a cabeça. Se **eu for ficar esquentando a cabeça com o que as pessoas pensam de mim eu vou viver a vida dos outros, não a minha**. [...] Não, algumas coisas **as pessoas nem imaginam o que eu faço**.”

“É, dependendo da pessoa sim. Causa um **impacto diferente**. [...] Não, pessoas que me conhecem e... teve pessoas que **ficaram esquivas**...”

“Não, não é difícil... é tranquilo. **É sossegado, mas eu acho meio chato. Eu queria poder mostrar assim, sem problema nenhum**. Mas... o que eu posso fazer?!”

7. Tatuagem denotando uma escolha mal-vista socialmente

[...] “**Eu acho estranho o pensamento das pessoas quando vêem outras pessoas com tatuagem ou estilos diferentes**.”

“Ah, não **digo um preconceito, mas uma opinião própria, um gosto** assim. Mas eu acho ruim, porque **eu não acho que a gente deve ficar julgando as pessoas.**”

“Ah, não... ah, **se o policial chegar em mim eu num sei o que vou fazer**, né, ow. Eu num sei o que eu vou fazer. Acho que **ele vai me revistar...** [...] Acho. **Se ele ver a tatuagem ele vai... colocar a mão na pessoa**, né? rsrs [...] é, daí já vou tomar uma... ia tomar um **tapa nas ideias.**”

“Mas os meus amigos que tem tatuagem também, alguns deles são muito **discriminados mesmo pela família**, porque muitos têm e vêm de uma família conservadora, família antiga. E acham que **tatuagem é coisa de marginal, de criminoso, aquela visão antiga de que tatuagem é coisa de cadeia.**”

“Ah, **cada um tem uma opinião específica**. Tem gente que gosta, **tem gente que fala que é muito perigoso... a minha tatuagem.**”

“É, assim, as pessoas... às vezes eu encontro com pessoas que têm muito **preconceito mesmo com tatuagem, com o visual, o estilo da pessoa.**” [...]

8. Coragem para arcar escolhas

“Eu pretendo, pretendo, mas... **ainda crio coragem**, porque... eu **tenho muito medo de agulha e... e dói**, né, e eu **num gosto de se sentir dor.**”

“Olha, assim, eu num tenho nada contra quem faça, eu num faria porque... já falei, o **meu problema com agulhas** e... eu acho que eu num ia me sentir muito bem, muito modificado. Assim, como, o que eu faria seria mais umas tatuagens... mais umas três e só. Mas piercing, esse tipo de coisa, eu num faria não.”

“Então, eu fiz **num lugar que eu achei que não ia me incomodar muito com a dor, porque é um lugar que tem mais carne.**” [...]

“O **prazer de sentir a dor da tatuagem. Eu num tenho esse prazer não.** Rrsrs”

9. Vivências aproximam e afastam os jovens

“Oh, eu vou falar que... **de tudo assim que já aconteceu na minha vida eu me sinto meio velho no meio das pessoas da minha idade.** Mas... **eu me enquadro bem na juventude.** Talvez por causa do meu trabalho, que **eu convivo com muitos jovens, pessoas muito novas.**”

“Por causa das **experiências da vida, das porradas que a vida já deu.** [...] Já, já. Não... é, eu **já vi muita coisa que muita gente num... nem vai ver e nem sonha em ver.**”

“Bom, o que eu acho que **influencia os jovens hoje em dia... é muito a mídia,** né? **A mídia influencia bastante.** Eu acho que é isso, no... basicamente, assim... eu acho também que **tem muitas pessoas que são influenciáveis por outras, por outras coisas.**”

“Ah, a gente sofre influência de várias coisas. Porque a gente vai se montando, a gente vai se moldando conforme as pessoas com quem a gente anda, com os gostos que a gente vai adquirindo com o tempo. Mas nada assim, que é influenciável, pra mim, muito.”

“Não, a minha tatuagem é só um desenho que vai ficar comigo e... a única coisa que influencia é que quando **eu fotografo muitas festas de faculdade o pessoal gosta bastante da tatuagem.** Rsrs”

10. Pouco crédito dado aos jovens

[...] “outra parte vê... uma **juventude meio revoltada.**”

[...] “E acaba ficando esquisito, porque você pensa, o cara é novo, tem 18 anos, vai, **tem um monte de tatuagem, o cabelo esquisito, e pode ser que daqui um tempo ele vire um mega empresário ou alguma coisa assim.**”

11. Juventude como esperança

“Eu acho que uma grande parte da sociedade vê nos **jovens a esperança.**” [...]

“Olha, eu acho que **a juventude representa a... o futuro da nossa nação,** assim, porque... **somos nós que vamos pra frente, né?! E somos nós que vamos deixar o mundo como vai ser daqui um tempo.** E é isso.”

12. Atrito entre o que é esperado e as escolhas

“Eu acho que **a única coisa que esperam dos jovens é ele... ele se dar bem na vida, ele seguir uma carreira, ter uma profissão.** Acho que é isso que os mais velhos esperam dos jovens.”

“É, **a minha família é meio conservadora** nesse aspecto. **Minha família não sabe que eu tenho tatuagem, nem sabe que eu fumo maconha.** [...] Na minha família não, **só minha irmã.**”

“Acontece uma certa cobrança, assim, pela parte da família em questão de... trabalho, em questão de finanças, assim. Uma coisa sobre a minha carreira, assim, as pessoas da minha família acham, a maioria das pessoas da minha família acham que, **eu ser fotógrafo não vai dar em nada, né. Acham que eu devia ser médico, dentista, advogado, administrador,** esse tipo de coisa. E num é, num é um tipo de coisa que eu gostaria de ser, eu num seria... [...]É, **eles não levam a sério.**”

“Oh, assim, **o meu papel na sociedade e na minha família eu tô cumprindo direitinho.** Eu tô... pago as minhas contas, compro as minhas coisas, tenho minha responsabilidade. E na sociedade também, pago meus impostos, tranquilamente. [...] É, eu acho que **é esperado pelas pessoas. Marcaradamente.** Rsr”

13. Querer é poder

“Eu acho que o que importa pra você querer alguma coisa da sua vida, planejar alguma coisa pro futuro, é **querer realmente aquilo e ir atrás.** Só isso”

“Ah, sempre precisa de certas coisas pra você conseguir aquilo que você deseja, só que... **quando você realmente quer alguma coisa não importa o que tá impedindo aquilo, você vai e você consegue.** Se você realmente quer aquilo. Mas essa é a minha opinião.”

“Eu levo o **meu bem-estar**, não falando em questão de saúde, assim, em si. Mas da **minha felicidade. O que vai me fazer feliz.**”

Articulação dos Indicadores para a formação dos Núcleos de Significação

Sujeito 3: E.F.

A primeira articulação a ser feita intra-núcleos se refere ao tópico Corpo como manifestação estética e objeto de atenção do outro, à medida que E.F. levanta questões como a admiração do próprio corpo e sua relação com o olhar do outro voltado para si.

A sensação de bem – estar com o próprio corpo, inflada pela aquisição da tatuagem, bem como a possibilidade de atrair o olhar do outro seja positiva ou negativamente, parecem conferir ao sujeito empoderamento. A visibilidade da tatuagem permite a E.F. sentir-se objeto de admiração para outros jovens e ao mesmo tempo espanto para a sociedade, devido a sua postura de se revelar ao mundo. Como pode ser visto em:

“Representa, um pouco. Um pouco da **questão estética**, a gente é... todos nós somos... **narcisistas. Gostamos de nos mostrar. [...] O que chamou mais atenção das pessoas foi mais pelo desenho em si.**”

Puxando o gancho dessa questão de mostrar-se ao mundo, apresenta-se como segundo núcleo a tatuagem como símbolo que expressa ao mundo um modo de ser e que estará presente por toda a existência.

E.F. ressalta em seu discurso a relação da tatuagem com o símbolo que esta carrega, em vista que o desenho escolhido é uma folha de Cannabis Sativa, princípio ativo da maconha, droga da qual este é adepto. Sendo este um modo encontrado para legitimar sua escolha, como pode ser notado em:

“Foi isso, basicamente uma coisa **bem simbólica**, assim, pra mostrar... **mostrar pra sociedade... eu fumo maconha!**”

Este colocar-se no mundo e expressar suas escolhas a partir da tatuagem também se configura como um desejo antigo do sujeito, que pôde ser atingido no momento em que este tomou coragem para realizar em seu corpo marcas doloridas e definitivas.

É possível notar um ar de superação a partir do momento em que este consegue vencer seu medo de agulhas e suportar a dor, para assim concretizar uma vontade que o acompanha desde criança. Tal percepção foi alcançada a partir do seguinte discurso do sujeito:

“Eu já tinha. Já tinha vontade de fazer a tatuagem, sempre tive, desde pequeno. **Sempre tive vontade de fazer alguma tatuagem. E eu fiz. Finalmente criei coragem e fiz.**”

Outro núcleo de significação construído a partir da fala de E.R. se refere a uma contradição do que é mostrado e escondido por este, denotando ora uma posição mais firme e de caráter libertador ora um incômodo com a opinião das pessoas.

Este jogo de mostrar e esconder parece colocar o sujeito em situações desconfortáveis, como é o caso da necessidade de uso de calça para que família não veja a tatuagem na perna, o distanciamento de amigos que não concordam com sua posição e até mesmo receio de encontro com a polícia por conta de seu desenho polêmico.

Em sua fala, o sujeito demonstra não se incomodar em esconder a tatuagem, mas ao mesmo tempo revela o desejo de poder mostrar sem que isso crie um problema para si

ou para as demais pessoas que o cercam:

“Não, não é difícil... é tranquilo, **é sossegado, mas eu acho meio chato. Eu queria poder mostrar assim, sem problema nenhum.** Mas... o que eu posso fazer?!”

O quarto núcleo de significação levantado no discurso de E.F. diz respeito à juventude em suas diversas manifestações, como importante, permeada por cobranças e expectativas dos pais e da sociedade. Tendo em vista que este identifica duas posições opostas a respeito da imagem social do jovem, uma associada a perspectivas de construção de um mundo melhor e outra vinculada a subversão.

A fala do sujeito permite compreender que este percorre uma trajetória de vida carregada de experiências, muitas das quais o aproximam de outros jovens e outras o tornam diferenciado. Como pode ser visto em:

“Oh, eu vou falar que... **de tudo assim que já aconteceu na minha vida eu me sinto meio velho no meio das pessoas da minha idade.** Mas... **eu me enquadro bem na juventude.** Talvez por causa do meu trabalho, que **eu convivo com muitos jovens, pessoas muito novas.**”

Este movimento não exclui nenhuma das possibilidades, à medida que sua subjetividade é expressa por manifestações construídas socialmente, como a valorização estética e o próprio conceito de juventude. As influências às quais os jovens estão submetidos também fazem parte dessa articulação entre vivências internas e externas, à medida que estes assimilam do mundo parte do que, juntamente com processos subjetivos, estarão constituindo seu modo de ser. Ideia presente em:

“Ah, a gente sofre influência de várias coisas. Porque a gente vai se montando, a gente vai se moldando conforme as pessoas com quem a gente anda, com os gostos que a gente vai adquirindo com o tempo. Mas nada assim, que é influenciável, pra mim, muito.”

Da mesma forma que o jovem sofre influências ao se relacionar com amigos e eleger seus gostos, é também convidado a exprimir suas escolhas, sendo muitas vezes tomado como modelo para outros, como pode ser visto em:

“Não, a minha tatuagem é só um desenho que vai ficar comigo e... a única coisa que influencia é que quando **eu fotografo muitas festas de faculdade o pessoal gosta bastante da tatuagem.** Rsr”

Como último campo de destaque, apresenta-se a relação de influências em conflito com as cobranças sociais comuns ao mundo adulto. Os jovens possuem diversos planos e perspectivas, que muitas vezes não correspondem ao que se espera para esta juventude, ora considerada revoltada ora como esperança.

Assim, o jovem é estimulado a traçar carreira em profissões promissoras aos olhos do mercado de trabalho, porém nem sempre esta é a escolha que este futuro profissional decide seguir, como é o caso do sujeito:

“Acontece uma certa cobrança, assim, pela parte da família em questão de... trabalho, em questão de finanças, assim. Uma coisa sobre a minha carreira, assim, as pessoas da minha família acham, a maioria das pessoas da minha família acham que, eu **ser fotógrafo não vai dar em nada**, né. **Acham que eu devia ser médico, dentista, advogado, administrador**, esse tipo de coisa. E num é, num é um tipo de coisa que eu gostaria de ser, eu num seria... [...]É, **eles não levam a sério.**”

Como saída para este excesso de cobranças, o jovem busca desafios e toma para si a responsabilidade de suas conquistas, como modo de se auto-afirmar diante das turbulentas exigências sociais. Como é notado em:

“Ah, sempre precisa de certas coisas pra você conseguir aquilo que você deseja, só que... **quando você realmente quer alguma coisa não importa o que tá impedindo aquilo, você vai e você consegue.** Se você realmente quer aquilo. Mas essa é a minha opinião.”

Tendo em vista os pontos destacados dos núcleos de significação construídos em torno do discurso de E.F., entende-se que os jovens encontram na manifestação corporal, como é o caso da realização de uma tatuagem, meios de expressar sua subjetividade, podendo assim transmitir ao mundo sua oposição às determinações impostas. Esta exposição ao mundo denota coragem e enfrentamento, porém não sem acarretar sofrimento e dúvidas a este jovem, gerados pela imagem social de tal manifestação. Assim, a construção da individualidade no jovem é permeada por diversos significados sociais, que implicam no sentido que este constrói a respeito da tatuagem.

Apresentados os resultados e a articulação entre os núcleos de significação presentes na fala de cada sujeito, partimos a seguir para a discussão entre as considerações teóricas levantadas acerca do tema e a apreensão dos sentidos construídos a partir das vivências dos sujeitos e significados sociais que permeiam sua visão sobre ser jovem e a sua relação com as manifestações corporais.

Discussão

A partir do discurso presente nas entrevistas e retomada dos pressupostos teóricos estudados, é possível traçar paralelos importantes para a análise da relação que se estabelece entre corpo e expressão da subjetividade na Modernidade.

A discussão que se faz a respeito do corpo ao longo do trabalho e sua referência na articulação dos núcleos de significação levantados na pesquisa convergem quanto à compreensão deste como mediador entre mundo interno e externo, de modo que o corpo capta sensorialmente a realidade objetiva e também presencia manifestações subjetivas.

Autores como Montagu (1988) discutem a questão corporal e sua relação com a pessoa que o constitui e é constituída por este, assim compreendendo a corporeidade como algo constitutivo entre o sujeito e seu corpo. A autora entende que o corpo carrega marcas que acompanharão o sujeito ao longo de sua vida, sejam estes traços reais ou simbólicos. Tal colocação pode ser reforçada a partir da compreensão de aspectos surgidos na fala dos sujeitos, tal como a forte relação de D.S. com seu corpo, ao passo que sentir-se bem consigo mesma perpassa pela ideia de possuir um corpo bonito e atraente.

Nesse contexto, a tatuagem surge como possibilidade de tornar o corpo mais belo, ao mesmo tempo em que também “apaga” marcas disformes. Neste aspecto, a tatuagem apresenta-se como manifestação estética e ornamentação do corpo para o jovem na Modernidade. Este se vale de símbolos permanentes para tornar o corpo mais vistoso para si e admirável ao olhar do outro, à medida que a tatuagem é uma marcação bastante apreciada por jovens.

A relação entre tatuagem e o jovem, além de estética, se configura pela busca de

prazer e experimentação subjetiva, conforme analisa Almeida (2006) e é explicitado por E.F. em seu discurso quando diz que as pessoas se tatuam por questão estética e pelo prazer da dor sentida.

Contraditoriamente, o jovem procura na tatuagem sua conotação individualizante, à medida que o símbolo realizado o torna único, ao mesmo tempo em que busca outros jovens tatuados como modelo. Dessa forma, esta manifestação corporal também é associada a modismo, como destaca D.S., ao dizer que sua vontade de realizar uma tatuagem aumentou ao ver outras pessoas tatuadas.

Assim, como é discutido por Frange (2004), os jovens se identificam com alguns grupos e se excluem de outros a depender do modo como se expressam, permitindo através da tatuagem, que estes criem modos de se relacionar com o mundo e, principalmente com seu corpo, por conseguinte consigo mesmo.

A relação com o próprio corpo e a visibilidade deste ao mundo esteve presente nas falas dos sujeitos entrevistados, o que evidencia a importância do corpo e sua manifestação estética na Modernidade. Sentir-se bem consigo mesmo e admirado por outros jovens legitima a declaração de uma posição diante do mundo.

Como foi apresentado por Ferreira (2006) e confirmado ao longo das entrevistas, ao tatuar-se o jovem encontra um modo de testar sua atuação no mundo e as implicações de suas atitudes, assim, através da tatuagem o jovem pode “jogar” com sua identidade, ora mostrando-se ora escondendo do mundo suas escolhas. Esta afirmação pode ser percebida quando os sujeitos revelam terem escolhido realizar a tatuagem em locais escondidos do corpo, que possam ser mostrados somente a algumas pessoas e em determinados momentos.

Outro aspecto surgido na colocação dos sujeitos se refere à transgressão às regras, que também pode ser entendido como um teste aos limites sociais impostos. Ao realizar a tatuagem o jovem pode assumir frente ao mundo uma postura, desse modo passa a mostrar ao mundo que cresceu e que não se submete mais constantemente aos enquadres sociais.

De todo modo, essa postura de manifestação de oposição às normas e modelos instituídos também demonstra uma ambigüidade em sua colocação, ao passo que os jovens, em alguma medida, se mostram comprometidos com a opinião e expectativas sociais.

Os sujeitos entrevistados ratificam a ideia apresentada acima, cada qual ao seu modo. Para E.F. não se faz necessária a opinião das pessoas em suas escolhas, porém ter a confirmação de que sua tatuagem é apreciada pelo ideário que transmite, lhe traz satisfação. Já para A.R., ter o apoio dos pais em suas escolhas é essencial. Enquanto D.S., busca equilibrar o que lhe faz bem e o que seu marido pensa, para tomar decisões.

A ideia de transgressão às regras é construída coletivamente, à medida que tal colocação aparece na fala dos sujeitos e é expressa também nas relações sociais, quando a tatuagem é percebida como rebeldia juvenil. A marginalização da tatuagem advém da herança histórica na qual a tatuagem esteve habitualmente associada a presidiários e prostitutas, o que acarretou caráter negativo à prática. A esse respeito, Almeida (2006) entende que a recusa às tais práticas corporais é presente entre os grupos mais conservadores, porém esta imagem social aos poucos tem sido alterada em grande parte da sociedade.

Dessa forma, é entendida a importância da apreensão cultural e histórica de um fenômeno para sua compreensão na atualidade, pois a retomada da construção da

imagem social da tatuagem permite compreender como se dá a formação do sentido atribuído pelo jovem à sua marcação corporal.

A partir da herança cultural, o homem se apropria das construções sociais realizadas ao longo da história, como discutido por Rosa (2003) e Araújo (2008). Assim, analogamente, pode-se entender que o jovem, ao realizar este movimento com a cultura, se torna também agente deste processo, à medida que o significado social de uma prática, neste caso a tatuagem, está implicado com o modo como este jovem passa a contribuir para a transmissão dessa vivência.

A imagem social construída a respeito dos jovens possui diferentes perspectivas, a depender da concepção de que se parte, havendo, entre outras divergências, quanto ao papel social deste e suas contribuições à realidade social. De acordo com posições desenvolvimentistas, é esperado que o jovem esteja adequado a algumas exigências e modelos, como por exemplo, apresentar comportamentos típicos de pessoas de sua faixa etária. Assim, o discurso apresentado por D.S. a respeito da juventude como massificada parece bastante coerente, pois os jovens são entendidos como dotados de características que os tornam comuns, não pelas vivências em si, mas por atributos físicos e psicológicos que seriam “próprios” e “naturais” nesse grupo.

Visões que percebem o jovem enquanto ser social e histórico trazem como discussão a ideia de que o que torna os jovens próximos e semelhantes são as vivências que compartilham, assim, jovens tatuados se identificam pelo fato de possuírem tatuagem e não meramente por terem a mesma idade.

Dessa forma, o conceito juventude deve ser entendido dentro de seu contexto na Modernidade, como discutido por Aguiar, Bock e Ozella (2003), sendo este um fenômeno historicamente construído, a partir das relações sociais estabelecidas.

As relações sociais que os jovens estabelecem permitem que estes se apropriem de sentidos sociais, contribuindo para a construção de sua individualidade. Essa concepção está presente na leitura de Ozella (2003) e é corroborada na fala dos sujeitos, que ressaltam que suas escolhas têm direta ou indiretamente relação com a opinião de amigos, familiares e colegas de trabalho.

Tal influência social pode se tornar um obstáculo na vida do jovem quando sua escolha fica submetida a expectativas às quais este não pode ou não quer atender, divergindo assim a opinião do jovem e com a da sociedade. Esse fenômeno ocorre por exemplo, na escolha profissional, onde o jovem se vê inclinado a escolher carreiras promissoras financeiramente que podem não ser sua área de preferência, mas que podem garantir uma segurança para o futuro. Outros jovens se recusam a trabalhar no que não gostam e respondem a pressões sociais contrárias a sua escolha.

Esta relação entre escolha profissional e opinião social, geralmente representada pelos pais, que buscam “o melhor para seus filhos”, é explicitada na fala de E.F. ao se referir à falta de credibilidade que familiares dão à sua profissão, à medida que as profissões que estes admiram são Medicina, Direito etc.

Além dessa questão da profissão desenvolvida, o jovem encontra barreiras em relação à sua inserção no mercado de trabalho, pois este exige maior qualificação profissional, o que acarreta a permanência cada vez maior desse jovem nos estudos e uma prorrogação de sua efetiva entrada no mundo do trabalho, enfoque levantado por Aguiar, Bock e Ozella (2003).

A partir das configurações acima explicitadas, é presumível que ser jovem na Modernidade não é tarefa fácil de desempenhar. O processo de amadurecimento

construído ao longo da transição entre infância e idade adulta é permeado por requisições sociais e processos individuais que, paradoxalmente se contrapõem e complementam. As nuances dessa relação entre jovem e sociedade permitem compreender a expressão da subjetividade no contexto juvenil.

Em suma, a apreensão dos sentidos subjetivos destacados a partir da articulação dos núcleos de significação permite compreender que os jovens buscam na tatuagem manifestar aspectos da subjetividade, construídos socialmente. A mediação entre mundo subjetivo e realidade concreta é feita através da linguagem corporal, transmitindo o que esse jovem pensa, sente e como introjeta o mundo.

As relações sociais e de trabalho que o jovem estabelece lhe permitem compreender o mundo, através das influências e cobranças implicadas em sua postura pessoal e profissional. Assim, a partir de suas escolhas o jovem constitui novos vínculos com seu modo de ser e com o mundo.

A pesquisa desenvolvida buscou analisar a expressão social da subjetividade dos jovens a partir da prática da tatuagem, entendida como manifestação corporal que denota a relação do jovem com seu corpo e com a sociedade na Modernidade.

A tatuagem como expressão do corpo apresenta para o jovem possibilidade de manifestação estética, prazerosa e experiência subjetiva. Assim, através da marcação corporal o jovem pode expressar seu modo de ser, ao mesmo tempo em que tal construção da subjetividade é permeada também pelas relações sociais.

Dessa forma, a questão que o trabalho se propôs discutir, a construção da subjetividade do jovem por meio da expressão da tatuagem, pôde ser desenvolvida e ampliada ao longo do trabalho. No decorrer do processo foram construídas novas

posições na análise dessa relação, como da relevância estética do corpo para o jovem. Ao mesmo tempo, houve o fortalecimento de ideias pré-existentes, como a compreensão da tatuagem como manifestação subjetiva de construções sociais.

A partir dessas constatações, relativas a formas de expressão da vivência da juventude, pode-se perceber a complexidade e multiplicidade de dimensões que estão presentes no processo de ser jovem, configurando a juventude como uma experiência subjetiva-objetiva, mediada por aspectos culturais e históricos.

Referência Bibliográfica

AGUIAR, Wanda M. J.; LIEBESNY, Brônia; MARCHESAN, Eduardo C.; SANCHEZ, Sandra G. Reflexões sobre sentido e significado. In: BOCK, Ana M. B.; GONÇALVES, Maria G. M.(org) *A Dimensão Subjetiva da Realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo. Cortez, 2009, pp.54-72.

AGUIAR, Wanda M. J.; OZELLA, Sergio. *Núcleos de Significação para a Apreensão da Constituição dos sentidos*. Psicologia Ciência e Profissão, São Paulo, 2006, 206(2), 222-245.

AGUIAR, Wanda M. J. Consciência e Atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. B., GONÇALVES, Maria G. M, FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia Sócio Histórica: perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo, Cortez, 2001, pp. 95-110.

AGUIAR, Wanda M. J.; BOCK, Ana M. B.; OZELLA, Sergio. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. B., GONÇALVES, Maria G. M, FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia Sócio Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo, Cortez, 2001, pp.163-178.

ARAÚJO, Cláudio M. Significações sobre adolescência e desenvolvimento humano em um projeto social educativo. Brasília: Mestrado em Psicologia. Universidade de Brasília, 2008, 113p.

BOCK, Ana M. B. A perspectiva Sócio-Histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. Caderno do Cedes/Centro de

Estudos de Educação e Sociedade. Vol. 24, n. 62, 2004, pp.26-43.

BOCK, Ana M. B. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, Ana M. B., GONÇALVES, Maria G. M, FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia Sócio Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo, Cortez, 2001, pp. 15-35.

BUSANICHE, Julio N.; EYMANN, Alfredo M.; MULLI, Valeria; PAZ, Marcela C. e CATSICARIS, Cristina. *Asociación entre adolescentes tatuados y conductas de riesgo*. Argentina: Arch Argent Pediatr 2006; 104(4):309-315

FERREIRA, Vítor S. Da “experiência” ao “vício” da marcação corporal. In: COSTA, Márcia R.; SILVA, Elizabeth M. (orgs.). *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: Educ, 2006, pp. 169-196.

FRANGE, Cristina M. P. *Escrever na carne: as modificações corporais como forma de inclusão social e comunicação*. São Paulo: Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica, 2004, 146p.

FREIRE FILHO, João. Retratos midiáticos da nova geração e a regulação do prazer juvenil. In: BORELLI, Sílvia H.S.; FREIRE FILHO, João (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008, pp. 33-57.

FURTADO, Odair. As dimensões subjetivas da realidade: Uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. In: FURTADO, Odair e GONZÁLEZ-REY, Fernando. (org.) *Por uma epistemologia da Subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp. 98-105.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os processos de construção da informação. Tradução: FERRADA SILVA, Marcel A. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, pp. 115-139.

KAHHALE, Edna M. S. P.; ROSA, Elisa Z. A construção de um saber crítico em psicologia. In: BOCK, Ana M. B.; GONÇALVES, Maria G. M. (org.) *A Dimensão Subjetiva da Realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo. Cortez, 2009, pp. 19-53.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia H.S.; FILHO, João Freire (orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008. pp. 9-32.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. Tradução: NETTO, Maria Silvia Mourão. 7 ed. São Paulo, Summus, 1988, 427p.

OZELLA, Sergio. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, Sergio (org.). *Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo. Cortez, 2003, pp. 17-40.

ROSA, Elisa Z. Da rua para a cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia. In: OZELLA, Sergio (org.). *Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo. Cortez, 2003, pp. 167-200.

VIGOTSKI, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 496p.

Anexos

Anexo 1

LEI ESTADUAL nº 9.828, de 06 de novembro de 1.997

(Projeto de Lei nº 44, de 1.997, do Deputado Campos Machado – PTB)

Estabelece proibição quanto à aplicação de tatuagens e adornos, na forma que especifica.

O Presidente da Assembléia Legislativa:

Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo, nos termos do artigo 28, § 4º, da Constituição do Estado, a seguinte lei:

Artigo 1º - Os estabelecimentos comerciais, profissionais liberais, ou qualquer pessoa que aplique tatuagens permanentes em outrem, ou a colocação de adornos, tais como brincos, argolas, alfinetes, que perfurem a pele ou membro do corpo humano, ainda que a título não oneroso, ficam proibidos de realizarem tal procedimento em menores de idade, assim considerados nos termos da legislação em vigor.

Parágrafo único – Excetua-se do disposto neste artigo a colocação de brincos nos lóbulos das orelhas.

Artigo 2º - Caberá à Secretaria da saúde a fiscalização e o estabelecimento dos meios necessários para a aplicação da presente lei.

Artigo 3º - O não cumprimento da exigência desta lei implicará no fechamento definitivo do estabelecimento, quando for o caso, e na responsabilidade dos agentes quanto à infringência dos artigos 5º, 17 e 18 da Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1.990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Artigo 4º - O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias da data de sua publicação.

Artigo 5º - As despesas resultantes desta lei correrão à conta de dotações próprias do orçamento-programa do Estado, suplementadas se necessário.

Artigo 6º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, aos 06 de novembro de 1.997.

Anexo 2

Roteiro de Entrevista

Idade

Grau de instrução/Profissão

Renda familiar/Faixa salarial

Tempo da tatuagem/quantidade

-Corpo e Tatuagem

- O que você acha de alterações corporais como tatuagem, piercing?
- Por que escolheu fazer uma tatuagem?
- Como foi fazer a tatuagem? Sentiu medo, dor.
- O que mudou no seu corpo com a tatuagem?
- O que você repara na aparência de uma pessoa? O que acha importante?
- E na sua aparência? O que é mais importante para você? Relação com o corpo.
- Como se sente tendo tatuagem? O que mudou na sua vida?
- A tatuagem mudou alguma coisa na sua vida, no seu jeito de ser?
- Você acha que seu corpo tem a ver com o seu jeito de ser? De que maneira?
- O que você acha que as tatuagens representam para os jovens?
- E para você, o que representa?
- Você acha que um jovem com tatuagem pensa diferente de um jovem sem tatuagem?

- Ser jovem

- Como você se sente sendo um jovem com tatuagem?
- O que é ser jovem para você?
- Se você tivesse que se apresentar para alguém, o que diria sobre você mesmo?
- O que você acha que caracteriza a juventude hoje em dia?
- Como você se sente como jovem?
- Como você acha que a sociedade vê os jovens?
- Qual você diria que é o papel da juventude na sociedade? O que é esperado do jovem?

-Você acha que exerce esse papel?

-Influência social e Escolhas

-Como você faz suas escolhas? O que leva em conta? Pais, amigos, escola, trabalho.

-Você reconhece influências nas escolhas que você faz? Quais? Em relação a que tipo de escolhas?

-O que você acha que hoje em dia mais influencia os jovens?

-Quais referências você acha que são importantes para se estabelecer projetos, objetivos na vida?

-Ter feito a tatuagem mudou em alguma coisa seus planos e projetos de futuro?

-A tatuagem limita/limitou alguma coisa na sua vida? (trabalho, relações, saúde)

-Tatuagem e Identidade

-A tatuagem faz parte de uma de suas escolhas?

-O que seus familiares e amigos pensam a respeito?

-Após fazer a tatuagem se sente fazendo parte de algum grupo? Se sente fora de algum grupo por causa da tatuagem?

-O que você acha que as pessoas da comunidade pensam sobre tatuagem?

-Sua relação com as pessoas mudou após fazer a tatuagem?

Anexo 3

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

O presente termo refere-se à participação do (a) Sr. (a) _____ como sujeito de pesquisa intitulada: "*Jovens Identificados: sentido subjetivo da tatuagem na construção da identidade*".

A pesquisa tem como objetivo investigar a relação dos jovens com as tatuagens, levando-se em conta que esta se configura como forma de construção da identidade e será realizada através de entrevista semi-dirigida, com duração aproximada de 30min.

A pesquisa será realizada pela pesquisadora Mariângela Lins de Souza, RG: 40444117-8, do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), sob orientação da professora Maria da Graça Marchina Gonçalves, RG: 6008419.

No estudo sua identidade será mantida em sigilo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Assim se o (a) Sr. (a) aceitar o convite para participar da pesquisa, por favor, preencha os espaços abaixo:

Eu, _____, RG _____, fui devidamente esclarecida do projeto de Pesquisa acima citado e aceito o convite para participar.

_____, _____ de _____ de 2011.